

# AUTORES & LIVROS

11/1/1942 SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"  
Ano II publicado semanalmente, sob a direção de Mário  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

Vol. 11  
Dúm. 1

## Notícia sobre José de Alencar

José Martiniano de Alencar nasceu em 1 de maio de 1829. Era filho de José Martiniano de Alencar, político de brilhante situação na época da Independência, revolucionário ativo no movimento pernambucano de 1817. Foi seu berço a cidade de Maceió, no Ceará, região que ele havia de immortalizar no mais famoso dos seus livros.

Formou-se em Direito pela Faculdade de São Paulo e logo depois iniciou a vida pública. Foi, com igual brillantismo, advogado, jurista, jornalista, professor, parlamentar, homem de letras. Foi leitor de Diretório Mercantil no Rio de Janeiro, diretor de seção da Secretaria da Justiça, logo depois consultor da mesma Secretaria. Renunciando a esse lugar, que era considerado como adido à Se-

cretaria, pediu que as remunerações que lhe haviam de ser pagas fossem aplicadas no "Diário Oficial" à publicação dos seus pareceres exarados no espaço de nove anos.

No gabinete de 18 de julho de 1868 ocupou a pasta da Justiça, ali ficando até 1870. Entrou num lista tríplice para senador. Achando-se enfermo de peito, realizou uma viagem à Europa, regressando bom. Mas sua aparência de saúde era ilusória, e pouco tempo depois, no dia 12 de dezembro de 1877, ele faleceu.

José de Alencar é um dos escritores mais populares do Brasil, e talvez possamos dizer que ele é o mais popular. Seu romance "O Guarani", escrito dia a dia para os folhetins de "O nosso amor".

Diário do Rio", entre os meses de fevereiro e abril de 1857, é um livro conhecido de toda a gente, e suas edições ainda hoje se esgotam uma a uma. De que se todos os seus livros poderíamos dizer que encontram carinho idêntico no espírito dos leitores. E o que sucede, por exemplo, com "Iracema", com a "Pata da Gaze", com os três perfis da mulher, "Diva", "Lucila" e "Senhora", com os "Sonhos de Ouro", com "Ubirajara", etc.

Espírito livre, dono de uma grande conciliação de sua pátria, José de Alencar foi, em seu tempo, um campeão estranho da língua brasileira. Só esse aspecto de sua personalidade o sagra definitivamente ao nosso respeito, à nossa veneração e ao dia para os folhetins de "O nosso amor".

## Bibliografia de José de Alencar

(Organizada por Mario de Alencar)

1854 — "Ao correr da pena" — crônicas hebdomadárias no "Correio Mercantil" (Rio de Janeiro); 1ª edição 1874, São Paulo; 2ª edição 1888, Rio de Janeiro — B. L. Garnier, 2 vols.; 5ª edição H. Garnier.

1856 — "Cartas de Ig" sobre a "Confederação dos Tambores", nas colunas do "Diário do Rio", 1ª edição 1856, Tip. do Diário".

"O Marquês de Paraná" — traços biográficos — Rio de Janeiro — in, 16; 35 págs.

1857 — "O Guarani", em folhetins do "Diário do Rio", sem nome do autor; 1ª edição, 4 vols., tip. do "Diário"; 2ª ed., B. L. Garnier, 2 vols.; 5ª edição, 1887. (Foi traduzido em francês, alemão e italiano).

1857 — "O Rio de Janeiro" — "Verso e reverso" — Comédia em 2 atos — 2ª edição 1864.

"Cinco Minutos" — Tipografia do "Diário" — "Cinco Minutos" — "A viuvinha" — Rio de Janeiro — 2ª ed. 1865, B. L. Garnier.

1858 — "O demônio familiar" — Comédia em 4 atos — 2ª edição 1864; 3ª, 1903.

1859 — "Mae" — drama em 4 atos — 2ª edição 1868; 4ª edição, 1897.

1860 — "A noite de São João" — libretto de comédia lírica.

"As asas de um anjo" — Comédia em 4 atos, prólogo e epílogo; 2ª edição 1885.

1860 — "Carta aos eleitores do Ceará" — 20 pp. in fol.

1862 — "Lucila" — 5ª ed. 1895.

"As asas de um anjo" — 1º vol. (Biblioteca Brasileira).

1864 — "Diva" — 3ª ed. 1875; 6ª ed. 1895.

1865 — "Iracema" — Tipografia Viana; B. L. Garnier

1870, 1875, 1876, 1894, 1873 — "Guerra dos macecas". 2 vols., B. L. Garnier; 2ª ed., 1888.

"Voto de graças" — Discurso que devia proferir na sessão de 20 de maio — Tip. Pinheiro. "Alfarárabás" — 2 vols., B. L. Garnier, 2ª ed.

"A reforma eleitoral" — Discursos.

"O novo cancionero" — Cartas a um amiguinho — No jornal "A República".

"O vate bragantino" — Cartas no jornal "A República".

"Tí" — em 4 vols., B. L. Garnier; 2ª ed., 1897. 3ª ed., 1900.

"Ubirajara" — Lenda tupi — B. L. Garnier, 2ª ed., 1895; 1899. (Foi traduzido para alemão por Hoffmann.)

"Uma tese constitucional" — A princesa imperial e o príncipe consorte no Conselho de Estado — in 4º — 18 pp., Rio de Janeiro.

"O sistema representativo" — B. L. Garnier.

"A expiação" — Comédia em 4 atos — Rio de Janeiro — Cruz Coutinho.

"Relatório do Ministério da Justiça" — Discursos proferidos na Câmara e no Senado, na sessão de 1860" — São Luiz do Maranhão.

"O Gaúcho" — 2 vols., B. L. Garnier. 2ª ed. — 1903.

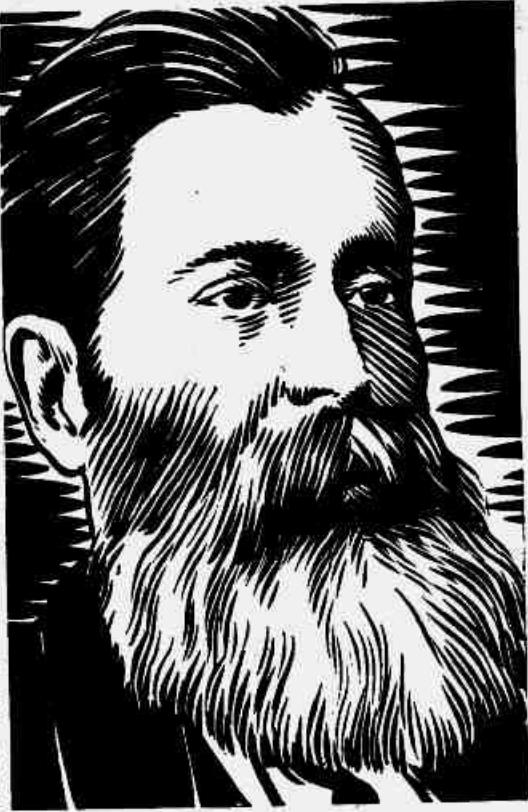
"A pata da gaza" — B. L. Garnier.

"O trono do ipê" — 2 vols., B. L. Garnier — 1913.

"A viagem imperial" — (Discurso) — Tip. de J. Villeneuve.

"Discursos" — proferidos na sessão de 1871. Tipografia Perseverança.

"Sonhos de Ouro" — 2 vols., B. L. Garnier — 2ª ed. 1889; 1920.



JOSÉ DE ALENCAR

## SUMÁRIO

### PAGINA 1:

— Notícia sobre José de Alencar  
— Bibliografia de José de Alencar (Organizada por Mario de Alencar)  
— Sumário.

### PAGINA 2:

— Três estudos de João Ribeiro sobre José de Alencar. I — O dia de Alencar; II — As Minas de Prata; III — José de Alencar e a linguagem diplomática do Brasil.

### PAGINA 3:

— Post-scriptum do romance "Sonhos de Ouro" — José de Alencar.

### PAGINA 4:

— Algumas páginas de Guaraní.

### PAGINA 5:

— Algumas páginas de Iracema.  
— Uma página de O Sertanejo. A seca no Sertão.

### PAGINAS 6 e 7:

— José de Alencar, poeta. Os Filhos de Tupan. — A Guerra.

### PAGINA 8:

— A estátua de José de Alencar. — Discurso de Machado de Assis, na cerimônia de sua inauguração.

— Epílico, de José de Alencar.

— Duas poesias de José de Alencar. — Estrela da Tardes. — Zelos.

### PAGINA 9:

— José de Alencar, político. — Carta ao Imperador.

— O Pampa, de José de Alencar.

— Correspondência de escritores. Carta de José de Alencar a Leonel de Alencar.

### PAGINA 10:

— José de Alencar, jornalista. —

### A Agricultura

— José de Alencar, orador. — Discurso sobre a viagem imperial.

### PAGINA 11:

— José de Alencar no conceito dos seus contemporâneos. — Apreciações de Francisco Otaviano, Pedro Luis, Salduña Marinho, Quintino Bocaiuva, Visconde de Taunay, Barão de Paranaípacabá, Blencourt, Sampayo, Gusmão Lobo, Ferreira de Araújo, André Rebouças, José do Patrocínio, Tito Franco, Emílio Zaluar, Frederico Rego, Francisco Junior, Afonso Celso, Carlos de Lact, Lino da Assunção, Machado de Assis.

### PAGINA 12:

— José de Alencar, teatrólogo. — Mae (Cena final do ato terceiro).

### PAGINA 13:

— Henrique Neto, de Mário Leão.

— O Intermezzo, de Heine.

— Efemérides da Academia.

### PAGINA 14:

— Pensando em Dante, de D. Milano.

— A margem da crítica do sr. Álvaro Lins sobre Chone nos Campos de Cachoeira, de Dalcídio Jurandir.

— Salvador de Mendonça e a arbitragem obrigatória, de Ernesto Feder.

### PAGINA 15:

— Curso de estudos da Amazônia. Segunda aula. Professor Anglone Costa. Prehistória e arqueologia amazônica.

— José, poema de Carlos Drummond de Andrade, com ilustração de Oswald Goeldi.

### PAGINA 16:

— A vida é de cabeça baixa, de Álvaro Moreyra.

— A colaboração de Filóblitos. Achado n.º 5.

# Três estudos de João Ribeiro sobre José de Alencar

I

## O DIA DE ALENCAR

Hoje, 1º de maio, é o dia de José de Alencar. Todas as fo-  
bias da manhã publicam ex-  
tensos panegíricos do grande  
escritor, reproduzem autógrafos  
e retratos na comemoração do  
centenário daquele que foi o  
mais popular e o mais lido dos  
nossos romancistas.

Grande parte, porém, da sua  
fama, no meu entender, deriva  
da importância política do es-  
critor.

No Brasil, dominam em qual-  
quer sentido os políticos e dom-  
inam em todas as coisas sem  
excluir o canhestro e solitá-  
rio recanto da literatura.

Só há um meio de ser gente,  
ou de subir na estima pública:  
é o de subir os degraus do po-  
der.

A literatura é um ofício do  
"pôs aí", mais adaptável às  
vassabundagens do espírito.

Esses "fainântas" das letras  
só sempre despojados e usur-  
pados pelos mordomos da coisa  
pública.

Não fosse Alencar deputado e  
ministro, jamais conseguiria a  
admiração universal dos sábios  
e dos basbásquias.

O mesmo aconteceria com  
Rui Barbosa. Certo é que um e  
outro devem a perpetuidade dos  
seus nomes ao fulgor das letras;  
mas esse fulgor empalideceria  
se não tivesse a espetivela a  
auréola de estadista.

E tanto assim era que os ho-  
mens de grande talento no ou-  
tro tempo, não ousavam conta-  
minhar-se com a peste literária,  
quando tinham e entretinham  
as musas e a ambição política.  
Oliviano, Pedro Luís e de la  
ste Luiz Delfino não quiseram  
jamais publicar os versos que  
logravam a admiração discreta  
dos amigos.

José de Alencar que nada ti-  
nha de timido, e era, pelo con-  
trário, um espírito combativo e  
de absoluta coragem, cedeu a  
essa repugnância geral.

Os seus livros apareceram, lo-  
go que teve nome político, com  
disfarçados pseudônimos.

O "Guarani", o livro que al-  
cançou a maior popularidade,  
apareceu em folhetins anôni-  
mos.

Os "Perfis de mulher", "Lu-  
ciano", "Diva", "Senhora", tra-  
taram as iniciais "M. M."

O "Gaúcho", o "Tronco do  
Ipê", "Sonhos de Ouro", a  
"Guerra dos Mascates", trouxe-  
ram o pseudônimo de "Senio".

Era evidente a incompatibili-  
dade que existia entre o homem  
público e o literato.

Todos sabiam que esses ro-  
mances eram da pena de José  
de Alencar, e, todavia, era-lhe  
mais agradável subterrir um  
livro de fofocas jurídicas e  
políticas que não podiam com-  
prometer as suas atitudes de po-  
lítico.

Hoje em dia não estão mu-  
das as coisas.

Homens que nada tem que  
ganhar nem perder nas altas  
esferas, como era o caso de Ma-  
chado de Assis, podem sem des-  
douro assumir as responsabilida-  
des perigosas do exercício das  
letras.

Entretanto, os políticos e es-  
tadistas são esquecidos no pri-  
meiro decénio póstumo. E o  
próprio Alencar desapareceria  
de todo se não tivesse a susten-  
tação essa magnífica prole pseudó-  
nima dos seus romances.

E assim aconteceria ao pró-  
prio Rui Barbosa que lograria  
quando muito a palma enfeiza-  
da de jornalista ou de gramá-  
tico.

José de Alencar tem mereci-  
damente duas estátuas. O Rio,  
pátria enorme de Machado de  
Assis, apenas lhe consagrava  
uma herma em um dos seus  
Jardins.

E certo que Machado de As-  
sis não quereria mais e nem  
tanto. Em breve terá a imagem  
esculpida num intercolunio do  
"Petit Trianon".

E ai tudo acabou.

Enfim, se a memória dos ho-  
meis só se realiza pela palavra  
e pelo pensamento, aos gênios  
literários caberá sempre o  
maior quinhão de glória.

Essa, ganhou a Alencar, com  
o mesmo direito que glorifica o  
seu grande sucessor Machado  
de Assis.

"Estado de São Paulo" — 7-8-  
1929.

II

## AS MINAS DE PRATA

No Brasil a parte de roman-  
ce é considerável. No outro tem-  
po havia a crença em lagos in-  
teriores donde saíam caudalos  
rios, por toda a parte arvo-  
res de vidro, monstros invincíveis  
e homens ainda mais indignos  
de crédito.

A lenda substituiu a realida-  
de, principalmente a lenda de  
tesouros e de riquezas ignora-  
das.

Hoje não tanto; mas, a fá-  
bula de grandes ainda é mais  
considerável que a da reali-  
dade.

Basta que um Moisés toque o  
rochedo com a vara encantada  
e logo mana a prodigiosa abun-  
dância de todas as coisas.

Pelo menos essa fantasia  
desordenada serve para alienar  
o otimismo crônico das gen-  
tes e favorecer a inventiva dos  
romancistas e contadores de  
história.

Um exemplo dessa facundia é  
a mágica história das "Minas  
de Prata".

Desde o tempo de Walter  
Scott a moda foi de escrever  
romances históricos. A histori-  
cidade das narrativas pouco a  
pouco foi desaparecendo, bas-  
tando apenas que os person-  
agens, a cor local e um ou outro  
fato caracterizasse a época e o  
cenário.

Era já a decadência do  
romance rigorosamente histórico,  
difícil de escrever e sempre in-  
clínado e vicioso anacronismos  
e a erros inevitáveis.

Bastava ao romancista apro-  
veitar as linhas gerais de acon-  
tecimento remoto; mas ou me-  
nos vague sob a espécie de lenda  
ou de tradição geralmente aceita.

Os temas mais favoráveis  
eram naturalmente aqueles que  
a história deixava indecisos ou  
incertos, porque, mais se pre-  
tavam à imaginação e não com-  
prometiam a verdade.

Um desses temas foi o das  
"Minas de Prata" explorado por  
José de Alencar.

Pouco se sabia dessas famosas  
minas e essa dúvida, escas-  
sas e incerteza favoreciam a in-  
ventiva do romancista. O fato  
ou lenda era do século XVI e  
para autenticar a narrativa  
bastava apenas o estudo super-  
ficial do vocabulário quinzena-  
rista, algumas noções da colo-  
nização primitiva dos portugue-  
ses na Baía, o cenário das alto-  
res principais do drama.

O que se sabia ao certo acer-  
ca dessas "Minas de Prata" era  
quase nada e esse pouco, envol-  
to em misterioso véu quase im-  
penetrável.

José de Alencar não ignorava  
que os anilhos colonos desde  
o primeiro povoamento tinham  
em vista a pesquisa do ouro e  
das pedras preciosas e com esse  
intuito realizavam "entradãs"  
pele interior do país, revelan-  
do a geografia ainda ignorada,  
o curso dos rios, a existência de  
tribos indígenas que friamente  
escravizavam e eram um peque-  
no lucro na ausência dos metais  
que procuravam.

A fábula das "Minas de Pra-  
ta" resulta de uma conjectura  
ate hoje não verificada da ex-  
ploração de Roberio Dias que se  
estabeleceu em Jabeberé um  
afiliado do Rio Real, onde ti-  
nha uma fazenda de criação.  
Este sítio de Jabeberé ficava em  
Sergipe no lugar que é hoje a  
cidade de Campos. Era um ho-  
mem ativo, empreendedor e tal-  
vez um visionário tal era a con-

mens so se realiza pela palavra  
e pelo pensamento, aos gênios  
literários caberá sempre o  
maior quinhão de glória.

Roberio Dias era filho de Bel-  
chior Dias, descendente do len-  
dário "Caramuru" e da esposa  
indígena Catarina de Paraguá  
que entrou mais tarde no po-  
ema épico de Santa Rita Durão,  
por graça da tradição que tor-  
nou fidalga toda a descendên-  
cia desse herói da fundação de  
Bain.

Como quer que seja Roberio  
Dias, nunca, ao que se saiba,  
comunicou a descoberta das  
minas. Internado no sertão e  
orgulhoso da sua propriedade  
de nobreza "Caramuru" através do  
seu progenitor Belchior ou Mel-  
chior Dias, provavelmente visitou a  
soberba serra de Itabalanha que  
domina toda a capitania de  
Sergipe do Rei desde o mar até  
os seus mais longínquos confins.

O panorama é realmente ex-  
plêndido e já tive a ventura de  
desfrutá-lo sob o céu glorioso da  
minha terra.

Mas, a existência de ouro,  
prata ou pedras preciosas nunca  
se averiguou até agora. Co-  
mo quer que seja, acredita-se  
que Roberio Dias escreveu um  
itinerário ou "roteiro" que  
guardou secreto e tentou nego-  
ciá-lo com o governo da Baía  
ou de Madrid.

Nada conseguiu e nada se sa-  
ou nunca existiu.

A verdade é que o pai de Ro-  
berio Dias esteve preso na Baía  
por qualquer motivo ignorado  
durante dois anos conseguindo a  
liberdade com o resgate de de-  
nove mil cruzados.

Roberio, filho de Belchior  
Dias e Catarina Paraguá, te-  
ve por mãe uma índia do Gênu,  
lugar não distante de Jabeberé  
em Sergipe.

Eis todo quanto se sabe e Ju-  
nho de Alencar sabia muito me-  
nos ao urdir o seu romance ro-  
mance das "Minas de Prata".

A Fazenda de Jabeberé foi  
arrendada em 1836 quando Ro-  
berio abandonou o teatro das  
sua explorações mineiras.

Provavelmente levou dali sua  
mãe a índia Lourença. E' ainda  
um fato que auxiliou as tropas  
do conde Bagnuolo quando este-  
dante da vitória dos holandeses  
em Sergipe.

Eis tudo quanto se sabe e Ju-  
nho de Alencar sabia muito me-  
nos ao urdir o seu romance ro-  
mance das "Minas de Prata".

Havia lacunas e bafios a pre-  
encher e para a urdidura e tra-  
ma de um romance convinha  
deixar uma história de amor.

O historiador exige documen-  
tos, mas o romancista contenta-  
se apenas com o estímulo inicial  
de qualquer história.

O mais provável é que essas  
fárias minas nunca existiram  
e se existissem hoje seriam des-  
cobertas e conhecidas. A terra é  
pequena e inteiramente vasculha-  
da em seus caminhos para o  
serão.

Com quase todo o norte ape-  
nas uma pequena faixa lito-  
nana e baixinha para o in-  
mem sedentário, o resto é um  
intenso deserto e ingrato.

Nada impede que se ergam  
castelos fantásticos na desola-  
ção da paisagem e ali parece  
que o deserto provoca a fanta-  
zia dos poetas, como no antigo  
orient.

Sergipe deve tudo ao litoral e  
não ao sertão, onde nem se-  
quer o gado prospera, vitimado  
pelos secas e pela aridez do solo.

E' preciso atravessá-lo para  
chegar ao curso majestoso do  
São Francisco onde há pelo  
menos água para mitigar a  
 sede, o peixe para a alimenta-  
ção frugal e um pouco de umi-  
dade para a vegetação.

As "Minas de Prata" da his-  
tória são, como as "Minas de  
Prata" do romance para fanta-  
zia e miragem perpétua do de-  
serto.

(Rev. Souza Cruz) — Janeiro  
de 1933.

III

## JOSE DE ALENCAR E A LIN- GUAGEM DIFERENCIAL DO BRASIL — AS CRÍTICAS QUE SOFREU DOS DEFENSORES DA LÍNGUA PORTUGUESA CONTRA AS TENDÊNCIAS DA LINGUA NACIONAL AME- RICANA

não escrever segundo os cano-  
nes europeus. Herculano e Cas-  
tilho davam as normas e o mesmo Garrett seria suspeito  
ao escrupuloso purismo dos dois primeiros.

Desde então pode afirmar-  
se que foi desunida a "atitude"  
dos escritores brasileiros mais  
independentes.

E, por isso, é que vamos aponta-  
r algumas das censuras mais  
interessantes de José Feliciano  
de Castilho. Outras versões so-  
bre "neologismos" literários.

O primeiro a romper a con-  
sistência foi Franklin Tavora, que  
estranhava certas novidades de  
Alencar que lhe pareceram in-  
felizes e que achamos agora  
bem afortunadas: "hinnio" (do  
cabalo), o "afflar" da fronde  
das palmeiras; vozes clássicas;

José Feliciano ("Questões"  
IX) nota o abuso de "imenso",  
o "imenso orbe e a imensa  
planicie", e fot essa a sua es-  
tratégia de futilidades. Ai conde-  
nava o verbo novo "estrinje" na  
 frase: "A funda tristeza que  
estrinje a alma". Quem é em  
português esse senhor "estrin-  
ge?" pergunta José Feliciano  
com o entono de mestre escola.

Em seguida passa a questão  
dos pronomes que, desde entaq-  
tu, tornou o forte dos vernaculatis-  
tas. José Feliciano não suspen-  
ava a má colocação dos pronomes  
e documenta em Alencar: "que girou-  
me em torno da cabaça", "o suor que alagava-  
me o corpo", "cuja estampa dese-  
nhava-se", etc.

Não devemos aqui dissimular  
que José Feliciano conseguiu de  
fato o melhor de seu combate.  
No Brasil a questão dos pronomes  
ainda não literalmente res-  
olvida encaminhou-se para a solu-  
ção que o escritor português  
indicava e alias sem impertin-  
cias. De fato ele escrevia a este  
 propósito "há aqui uma desculpa  
se há culpa; e este seu dizer  
de Alencar assim frequentemente  
no Brasil e característico dos mais  
seguros para se afirmar "prime-  
ria facie" ter uma obra portuguê-  
sa aquela escrita".

Há nesse meu sensato afirma-  
ção duas coisas a notar: primei-  
ra que não há culpa sendo o  
modo geral de expressão no  
Brasil; e em segundo lugar: Ju-  
nho Feliciano assegura que "ma-  
obra portuguesa" pode ser  
"aqui" escrita.

Na realidade os seus discípu-  
los foram e são da mais desen-  
freada incontinência. Não adi-  
mitem vacilações na matéria.

José Feliciano expõe algumas  
regras da topologia pronominal:  
a anteposição do pronome obli-  
quo nas orações de que, nas ad-  
verbiais de modo, nunca, sempre,  
etc., e a posposição quando o  
verbo comece a frase: conhe-  
ce, vê, ou embora.

Poucas regras, de fato, mas  
sao as melhores e quasi únicas.

Condene o vocabulário faceta e  
faceira, alias, vozes antigas  
portuguesas no sentido de ga-  
lante e gentil. Hoje, porém, para  
os portugueses faceira e a  
"carne das faces do boi" rom-  
dice o Morais.

Também não lhe parece bem  
a "expressão de recolho" que é  
uma má tradução de recessão.  
Censura a sintaxe do se em  
"percebia-se uns reflexos".

José Feliciano achava que a  
guerra aos clássicos era uma  
espécie de manifesto da raposa,  
inimiga da uva. Alencar res-  
pondia-lhe enfaticamente: "O  
velho estilo clássico destoa no  
meio destas florestas seculares,  
destas catadupas formidáveis,  
destes prodígios da natureza  
virgem que não podem sentir  
as musas genitais do Tejo e do  
Mondragão".

Depois censura o mau empre-  
go de career (Questões, XVII).  
do mal em vez do já e os in-  
umeráveis galicismos de um  
... um a adjectivar todos os  
substantivos: uma brisa, um  
sopro, uma dúvida, etc., sem  
paciência.

A isso Alencar opunha ari-

## Post-scriptum do romance "Sonhos de Ouro" — JOSE DE ALENCAR

Ha quinze dias teve Ricardo de assistir a uma vistoria, em questão de terras, para o lado de Jacarepaguá.

Na volta lembrou-se de visitar D. Joaquina, a quem não via desde muito. Achou a casinha e a dona no mesmo estudo: velhas como as deixara, mas contentes e sorridentes.

A tia de Fabio recebeu o advogado com muita festa e alegria; perguntou notícias do sobrinho e da nova sobrinha; e pediu a Ricardo que lhe mandasse muitas e muitas recomendações, quando escrevesse.

Eram duas horas. Ja D. Joaquina tinha jantado; mas havia caído assada e improvisou-se uma fritada, que Ricardo preferiu de bom grado, para ter o prazer de passar com a velha o resto da tarde. O advogado comeu com apetite; e não trouxe o copo dágua cristalina, que bebeu depois do melado, pelo mais exquisito champaña.

O senhor é que ainda não quis casar? disse D. Joaquina, preparando-lhe uma chavena de café.

— Credo que fiquei para tão; disse Ricardo sorrindo.

— Qual... A dificuldade é encontrar ai algum peixeízinho que lhe ponha feitio; como um que veio aqui o outro dia.

— Não tenha receio, trago uma filha, duas filhas, que me viram do quebranto; tornou Ricardo no mesmo tom.

— Deixe ver; disse a velha.

— Estão lá dentro, no coração.

A velha riu-se. E o advogado, accendendo o charuto saiu a dar uma volta de passeio a pé, enquanto se ia buscar ao pasto o "Galgo", que naturalmente andava também matando saudades, pois desde muito tempo residia na corte à Travessa do Espírito Santo n. 19, cocheira do Viana.

Tornou Ricardo pelo mesmo caminho em que à primeira vez o encontramos, e não tinha dado vinte passos que as recordações de outros tempos surgiu para envolvê-lo como o anarato de uma cena armada de improviso.

Ouviu tropel de animal; reconheceu o "Galgo"; viu passar Fabio; trocou palavras com ele; perdeu-se entre os tufois do arvoredo; sentiu o sobressalto

que tivera outrora, despertado por um riso argentino; e contemplou com entusiasmo de artista, e um enlevo que então não sentira, o gracioso rosto de gentil amazona.

Depois correram as vistas novas cenas sucediam-se; e a imaginação as povoa de recordações vivazes, que entretanto pareciam extintas.

Este voltar ao passado incomodava Ricardo, que pensou escapar-lhe fugindo aquele sítio.

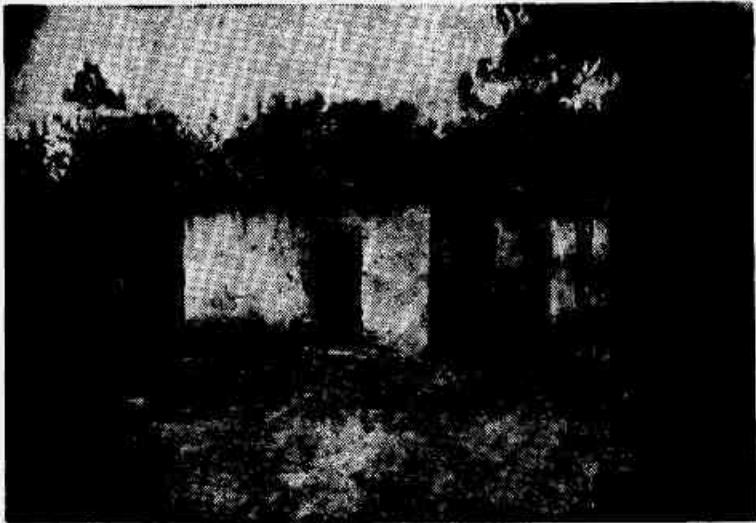
Ao voltar uma curva descolou duas senhoras, que se aproximavam lentamente pelo mesmo caminho; e qual não foi o seu espanto reconhecendo Guida acompanhada de Mrs. Trowshy.

Desde certo tempo a saúde de Guida se alterara. Não se queria, nem tinha mesmo incomodo ou mal determinado. Perdera a alegre vivacidade; e sentia invadi-la um abatimento indefinível. Sua vida nos meses últimos não era mais do que um lenha delírio; parecia-lhe que estava desmaiada. As flores, se é que tem sensibilidade, devem experimentar uma impressão igual quando murchem.

Ultimamente o desafelecimento chegara a ponto de inquietar a família; os médicos recolaram as duas panacéias do costume, "o casamento e o campo". Pobre dos médicos! Queixam-se deles. Ah! Se tivessem na sua farmacopeia certas drogas preciosas, como o amor, a ambição, a glória, que de curas milagrosas não fariam!

Quando se tratou de escolher o arrabale, Guida pediu a Tijuca; não que ela esperasse tirar proveito para a saúde. Bem longe disso: era um desejo recondito de rever aqueles azares, e saciar-se das reminiscências que elas guardavam. Matasssem embora essas árvore, como a manecinha; queria embragar-se de seus perfumes.

Lembra-se da "Africana" que vira representar ultimamente; e invejava aquela morte, ela que dois anos antes, naquelas mesmas montanhas, zombava de Sapho, a mais ilustre entre as martires do amor. Guida trajava naquela tarde



Casa em que nasceu Alencar, em Macajana, Ceará

um vestido cinzento e, sobre ele, um casaco preto guarnecido de marfim. A alvura imaculada de seu rosto destacava-se nesse traje escuro, entre os negros cabelos, com uma vividez que assustava: parecia o perfil de uma estátua em alabastro.

Reconhecendo Ricardo, teve a moça uma violenta comoção, e tomou para suavizar o braco da mestra, que atribuiu o choque a susto e debilidade da molestia.

— Não sabia que estava na Tijuca, disse Ricardo.

— Viemos há oito dias.

— Ela tem andado doente; o doutor mandou tomar ares; disse Mrs. Trowshy em português arranhado.

— Há de fazer-lhe bem a Tijuca; tornou Ricardo.

— A saúde?... perguntou Guida.

E abanou a cabeça desfazendo um triste sorriso.

Foi então que Ricardo reparou no estado de abatimento da moça. O talhe, tão esbelto e gracil, retraiu-se como o cáliz do lirio do vale quando fechou-se, e os olhos de embaciadas, se intercambiavam, como os indivíduos da espécie que pareciam encorcos, semão caroçuras.

— Porque não sou eu o homem que ela sonha? disse Ricardo; porque não me deu o Criador um raio do fogar sagrado para reanimar esta vida que se extinguia, para reter na terra esta bela mulher que se está transformando em anjo?

Guida sentara-se à beira do caminho, numa leve coberta de relva, e acompanhava o recorrido nuvem com o olhar mordido, que às vezes se eclipsava sob os longos cílios e voltava rápidamente ao rosto de Ricardo.

— Deve passar! disse Ricardo para romper o silêncio.

— Ela não gosta mais de sair como dantes; observou Mrs. Trowshy.

— Fatiga-me tanto! tornou Guida. — Ji três vezes viemos para este lado; e ainda não pude chegar até a outra volta.

— Quando estiver mais forte...

— Tento tanto vontade! Mas hoje hei de ir; já descansel. Venha conosco! disse pousando o olhar suplicante no semblante do moço.

— Não era longe a volta a que a moça desejava chegar.

— Lembra-se? perguntou a Ricardo. Aqui nos encontramos pela primeira vez.

— Não esqueceu?

— E a nossa flor... Ainda estaria no mesmo lugar?

— Ricardo rompeu o arvoredo, e procurou:

— Aqui está ela!

Guida aproximou-

vam para desferir lampejo febril.

Não se concebe a comiseração que sentiu Ricardo notando aquele deprecimento lento de uma beleza, que ele vira tão esplêndida. Lagrimas amedrontaram-lhe os olhos; e teve impulso de ajoelhar-se aos pés da moça, sacrificada ao paganismo social.

Lembrou-se da conversa que tivera com a moça dois anos antes, pouco distante daquele sítio. Guida era uma das vítimas desse martírio da família, que poucos sabem e ninguém comprehende. Nasceram ricas; educaram-na para a opulência; e a grandeza a sufocava.

Havia um meio de salvar-se; abandonar sua alma pelas salas em afecções efêmeras; tornar-se a moça da moda, faceira, namorada, perseguida e disputada por um exame de adoradores. A dignidade inata fechou-lhe essa válvula do coração.

Guida o guardara virgem e intacto para o seu primeiro amor; porém este não o encontrara no mundo. Porque? Não havia um homem que a merecesse? Guida estimava o homem, mais do que ele valia, porém na pureza do ideal; por isso os indivíduos da espécie lhe pareciam encorcos, semão caroçuras.

— Porque não sou eu o homem que ela sonha? disse Ricardo; porque não me deu o Criador um raio do fogar sagrado para reanimar esta vida que se extinguia, para reter na terra esta bela mulher que se está transformando em anjo?

Guida sentara-se à beira do caminho, numa leve coberta de relva, e acompanhava o recorrido nuvem com o olhar mordido, que às vezes se eclipsava sob os longos cílios e voltava rápidamente ao rosto de Ricardo.

— Deve passar! disse Ricardo para romper o silêncio.

— Ela não gosta mais de sair como dantes; observou Mrs. Trowshy.

— Fatiga-me tanto! tornou Guida. — Ji três vezes viemos para este lado; e ainda não pude chegar até a outra volta.

— Quando estiver mais forte...

— Tento tanto vontade! Mas hoje hei de ir; já descansel. Venha conosco! disse pousando o olhar suplicante no semblante do moço.

— Não era longe a volta a que a moça desejava chegar.

— Lembra-se? perguntou a Ricardo. Aqui nos encontramos pela primeira vez.

— Não esqueceu?

— E a nossa flor... Ainda estaria no mesmo lugar?

— Ricardo rompeu o arvoredo, e procurou:

— Aqui está ela!

Guida aproximou-

O arbusto, reverdecido com as águas do inverno, começava a florescer. Nas pontas das renovadas germinavam já os lindos cíclitos de nácar, com o seu pingue dourado.

Rocou Guida as mãos pelas folhas glabras do arbusto como para sentir-se acariciada pelo doce florido.

— Sonhos dourados murmurou.

— E' verdade! exclamou Ricardo sorrindo.

— Nem se lembrava! disse Guida com leve reprovação.

— Não culpe a pobre florinha, se o vento da tempestade a mirrou e corou de po. tornou Ricardo apanhando os seios despojados da passada florada.

— Estes morreram, murmurou Guida olhando as flores murchas, mas vão renascer. E os meus?...

A voz da moça expirou nos lábios, e exalou-se em um suspiro:

— Os meus nasceram aqui, porém, porém morreram para sempre!

Ergueu Ricardo surpreso os olhos, e viu o semblante da moça banhado em lagrimas.

— Guida! exclamou ele.

E cingiu-lhe a cintura com o braço para ampará-la, porque a via desfalecer.

— Eu queria morrer aqui, baixou-lhe ela descalçando a fronte ao ombro de Ricardo, e reclinando o talhe ao peito onde conchegou-se histria, sem movimento.

Mudo e extático, Ricardo não sabia o que fizesse; não tinha forças para separar de si o corpo desfalecido, nem ouvia observar-lhe o semblante, bendendo ver nele a máscara da morte.

Foi rápido o lance, e durou enquanto Mrs. Trowshy, que duas vezes investira com o arvoredo, mas fora repelida por causa da sua rotundidade, fonda volta para aproximar-se.

— Guida! repetiu Ricardo afliito.

A moça ergueu a fronte engolindo-se no olhar que baixou o rosto do mancebo, morriu.

— Culde que morria... e era feliz!

Ricardo nouou um beijo casto na fronte da moça.

— Hô de viver!

— Para quem?

— Para mim!

— Por ele e para ele, meu Deus disse ele ajoelhando com as mãos erguidas ao céu.

— What!... gritou a mestra vendo Guida naquela posição.

Ergueu-se Guida com um suspiro:

— Estava agradecendo a Deus a bênção que me enviou.

E abraçando-a com efusão,

cobriu-a de beijos.

— Child! Dear Child! exclamava a inglesa esmagando as lágrimas nos olhos.

moniosamente as suas razões contra o salvinho literário, casuário, charlatão, palhaço, criqueiro, caricasseno e, realmente, muitas das censuras de José Feliciano não coartavam de Bertolino, como a de ver monstrosidades a todo momento em "ondas, em flutuação", a que Alencar opõe a sua fixação de Estácio (caido, todavia, em erro do autor citado, Ribeiro, em vez de Silvas, nome da obra do poeta latino).

Os escritores de grande engenho atraem sempre a animadversão dos mais apreciados, dos invejosos e, na maior parte dos casos, dos principiantes que querem aparecer. Assim o fez o próprio José de Alencar na crítica à Confederação dos Tambores, o poema de Magalhães, nosso primeiro romântico.

Continuando, José Feliciano censura em Alencar a frase: "E promovendo um passo". Mover, sim, e não promover, diz o mestre. Mas, promover, pelo menos etimologicamente, é mover paixante. José Feliciano preferiu o Manuel de Gallegos quando escreve:

Nem quando 'a Aurora... Com tanta bizarria os passos Imove

Nas Questões (n. 43) nota que é incorreto dizer, como Alencar: "Reboou nas barrocas da sinhaga o tropel de um cavalo".

José Feliciano não concorda com

com o tropel de um só cavalo, mas de muitos. Entretanto, a ideia de tropel é mais do ruído que da multidão e podemos dizer que uma só cosa pode atraer outra. Vê-se a estrela de seu critério e por isso condenei como algaravias tom spes de solidão, o céu, tela azul, etc.

Essas coisas para ele não atam nem desatam. Imprimir um perfume é um disparate, não sendo o perfume coisa sólida ou pesada.

Em conclusão, a crítica de José Feliciano pode ser decomposta em dois motivos gerais: um, a censura indevida de imagens de tropos e de neologismos quase sempre acreditáveis; o outro, a questão da gramática portuguesa que considera intangível e por isso mesmo inadaptável a qualquer diferenciação fora do velho Portugal.

E esse segundo motivo o mais persistente é ainda o que se processa nas polêmicas vigentes com alguma vivacidade.

Os escritores brasileiros de maior independência opõem-se aos rigores do vernacularismo europeu, clássico ou contemporâneo. O mesmo sucede a Portugal quanto ao fabuloso prestígio dos clássicos. Ega de Quental, Flávio e outros que vieram depois dificilmente poderiam entrar na tradição do quinhentismo, muito mais cultivado no Brasil se atentarmos no influxo de Ribeiro Barbosa e na sobriedade de Machado de Assis.

Em qualquer caso, os revolucionários podem tomar como

ponto de partida o imenso prestígio de José de Alencar.

Não há certamente um dialeto brasileiro. A língua é a portuguesa, para os dois grandes países de idiomas comuns. Entretanto, há um matiz que nos pertence para sempre no modo de falar e de escrever.

Em várias oportunidades buscou Alencar em preciosas notas ortográficas e linguísticas justificar o vocabulário tupi e as presunções incorretas de linhagem que lhe atribuiram os críticos de boa e má fé.

Em nota ao seu poema em prosa, "Iracema", justificou usos como o de acentuar graficamente a preposição a, ainda quando não absorva o artigo. E tinha a seu favor a prosodia brasileira que não distingue a de. Não lhe parecia razoável fugir o português a um fato romântico da preposição acentuada como se já no italiano e no português.

Alencar respondeu a Pinheiro Chagas (que aliás recebeu com grande entusiasmo o romance indianista de Alencar) contrapondo a opinião de Webster: "Quando povos da mesma estirpe se separam, e habitam regiões distintas, a linguagem de cada um começa a divergir por vários modos".

Quanto à questão da topologia gíria pronominal tudo fluiu da eufonia e da elegância da frase. Era mais questão de ouvido que de gramática.

— Não esqueceu?

— E a nossa flor... Ainda estaria no mesmo lugar?

— Ricardo rompeu o arvoredo, e procurou:

— Aqui está ela!

Guida aproximou-

# ALGUMAS PÁGINAS DO "GUARANÍ"

## A PRECE

A tarde ia morrendo.  
O sol declinava no horizonte e deitava-se sobre as grandes florestas, que iluminava com os seus últimos raios.

A luz fraca e suave do ocaso, deslizando pela verde alcatifa, enrolava-se como ondas de ouro e de púrpura sobre a folhagem das árvores.

Os espinhos silvestres deslizavam as flores alvas e delicadas; e o ouricuri abria as suas palmas mais novas, para receber no seu calício o orvalho da noite. Os animais retardados procuraram a pousoada, enquanto a junti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia.

Um concerto de notas graves suavizava o por do sol e conjungia-se com o rumor da cascata, que parecia querer aspereza sua queda e ceder à doce influência da tarde.

Era Ave-Maria.

Como é solene e grave, no meio das nossas matas a hora misteriosa do crepúsculo, em que a natureza se ajoelha aos pés do Criador para murmurar a prece da noite!

Essas grandes sombras das árvores que se estendem pela planicie; essas gradacões infinitas de luz pelas quebradas da montanha; esses raios perdidos, que evanescendo-se pelo rebaudo da folhagem, vão brincar um momento sobre a areia; tudo respira uma poesia imensa que enche a alma.

O urubu no fundo da mata solta as suas notas graves e sonoras, que, rebando peus uápas crastas de perdura, vão ecoar ao longe como o toque lenito e pausado dos "angélos".

A brisa, roçando as grimpas da floresta, traz um débito sus-surro, que parece o último eco dos rumores do dia, ou o derradeiro suspiro da tarde que morre.

Todas as pessoas reunidas na esplanada sentiam mais ou menos a impressão poderosa dessa hora solene, e cediam involuntariamente a esse sentimento vago, que não é bem tristeza, mas respeito misturado de um certo temor.

De repente os sons melancólicos de um clarim prolongaram-se pelo ar quebrando o concerto da tarde; era um dos aventureiros que tocava Ave-Maria.

Todos se descobriram.

D. Antonio de Mariz, adiantando-se até à beira da esplanada para o lado do ocaso, tirou o chapéu e ajoelhou.

Ao redor dele vieram agrupar-se sua mulher, as duas moças, Alvaro D. Diogo; os aventureiros, formando um grande arco de círculo, ajoelharam-se a alguns passos de distância.

O sol com o seu último reflexo esclarecia a barba e os cabelos brancos do velho fidalgo, e realçava beleza daquele busto de antigo cavaleiro.

Era uma cena ao mesmo tempo simples e majestosa a que apresentava essa prece meio erística, meio selvagem; em todos aqueles rostos, iluminados pelos raios do ocaso, respirava um santo respeito.

Loreano foi o único que conservou o seu sorriso desdenhoso, e seguiu com o mesmo olhar torvo os menores movimentos de Alvaro, ajoelhado perante Cecília e embobido em contemplação, como se ela fosse a dividida a quem dirigia a sua prece.

Durante o momento em que o sol da luz, suspenso no horizonte, lançava ainda um olhar sobre a terra, todos se concentraram em um fundo recolhimento, e diziam uma oração muda, que apenas solitava imperceptivelmente os lábios.

Por fim o sol escondeu-se; Aires Gomes estendeu o manto sobre o precipício, e um frio suave o encobriu.

Era noite.

Todos se ergueram; os aventureiros correram e foram-se retirando a pouco e pouco.

Cecília ofereceu a fronte ao beijo de seu pai e de sua mãe, e fez uma graciosa mesura a seu irmão e a Alvaro.

Isabel tocou com os lábios a mão de seu tio, e curvou-se em face de D. Lauriana para receber uma benção lançada com a dignidade e altivez de um abade.

Depois a família, chegando-se para junto da porta, dispôs-se a passar um desses curtos serões que outrora precediam a junti, chamando a companheira, soltava os arrulhos doces e saudosos com que se despede o dia.

Um concerto de notas graves suavizava o por do sol e conjungia-se com o rumor da cascata, que parecia querer aspereza sua queda e ceder à doce influência da tarde.

O que explicava esse apreço e grande valor dado por ele a um dia simples consiste era o regalo encantado que D. Lauriana havia estabelecido na sua habitação.

Os aventureiros e seus cheques vinham num lado da casa inteiramente separados da família; durante o dia corriam os matos e ocupavam-se com a caça ou com diversos trabalhos de cordoaria e matroneria.

Era unicamente na hora da prece que se reuniam um momento na escadaria, onde, quando o tempo estava bom, as damas vinham também fazer a sua oração da tarde.

Quanto à família, essa conservava-se sempre retirada no inferior da casa durante a semana. O domingo era consagrado ao repouso, à distração e à alegria; então dava-se às refeições um acontecimento extraordinário como um passeio, uma caçada, ou uma volta em canoa pelo rio.

Já se vê pois a razão por que Alvaro tinha tantos desejos, como dito o italiano, de chegar ao "Paquequer" em um sábado e antes das seis horas; o moço sonhava com a ventura desses curtos instantes de contemplação e com a liberdade do domingo, que lhe ofereceria talvez ocasião de arriscar uma palavra.

Formado o grupo da família, a conversa trouxe-se entre D. Antonio de Mariz, Alvaro e D. Lauriana; Diogo ficou um pouco retrado; as moças, timidas, encutavam, e quase nunca se animavam a dizer uma palavra sem que se dirigissem diretamente a elas, o que rara vez sucedia.

Alvaro, desejoso de ouvir a voz doce e argentina de Cecília, da qual ele tinha saudade pelo muito tempo que não a escutava, procurou um pretexto que a chamasse à conversa.

— Exequia-me contar-vos, sr. D. Antonio, disse ele aproximando-se de uma pausa, uns dos incidentes da nossa viagem.

— Qual? Vejamos, respondeu o fidalgo.

— A coisa de quatro léguas daqui, encontramos Pert.

— Índia bem! disse Cecília: há dois dias que não sabemos notícias dele.

Nada mais simples, replicou o fidalgo; ele corre todo este sábado.

— Sim! tornou Alvaro, mas o modo por que o encontraram e que não vos parecerá tão simples.

— O que fazia então?

— Brincava com uma onça rica só com o bichoreadinho.

— Meus Deus! exclamou a moça soltando um grito.

— Que tens, menina? perguntou D. Lauriana.

— É que este devia estar morto a esta hora, minha mãe.

— Não se perde grande coisa, respondeu a senhora.

— Mas eu serrei a causa de sua morte.

— Como assim, minha filha?

— Vede vós, meu pai, respondeu Cecília, enxugando os lágrimas que lhe saltavam dos olhos; conversava quinta-feira com Isabel, que tem grande medo de onças, e brincando disse-lhe que desejava ver uma.

— Peri a foi buscar para satisfazer o teu desejo; replicou o fidalgo rindo.

— Não há dia que admira.

— Porem, meu pai, isto é colo-

que se faz! A onça deve ter morrido.

— Não vos assustes, D. Cecília; ela saberá defender-se.

— E vós, sr. Alvaro, por que

não o ajudastes a defender-se?

disse a moça sentida.

— Oh! se visse a ratva com

que ficou por querermos atirar sobre animal!

— E o moço contou parte da cé-

na passada na floresta.

— Não há dúvida, disse D.

Antonio de Mariz, na sua cega

dedicação por Cecília, quis fa-

zer-lhe a vontade com risco de

sua vida. E' para mim uma das

coisas mais admiráveis que te-

nhas visto nesta terra, o caráter

desse índio. Desde o primeiro

dia que aqui entrou, salvando

minha filha, a sua vida tem si-

do um só ato de abnegação e

heroísmo. Credo-me, Alvaro, é

um cavaleiro português no

corpo um selvagem!

A conversa continuou; mas

Cecília tinha ficado triste, e não

tomou mais parte nela.

D. Lauriana retirou-se para

dar as suas ordens; o velho fi-

dalgo e o moço conversaram até

oito horas, em que o toque de

uma campa no terreiro da cas-

teiro anunciar a ceia.

Enquanto os outros subiam os

degraus da porta e entravam na habitação, Alvaro achou oca-

são de trocar algumas palavras com Cecília.

— Não me perguntas pelo

que me ordenastes, D. Cecília?

disse ele a meia voz.

— Ah! sim! trouxeste todas

as coisas que vos pedi?

— Todas e mais..., disse o

moço balbuciando.

— E mais o que? perguntou Cecília.

— E mais uma coisa que não

pedisteis.

— Essa não quero! respondeu

a moça com um ligeiro enfado.

— Nem por vos pertencer já?

replicou ele timidamente.

— Não entendo. E' uma cal-

que já me pertence, dizeis?

— Sim; porque é uma lem-

brança vossa.

— Nesse caso, guardai-a, sr.

Alvaro, disse ela sorrindo, e

guardai-a bem.

E fugiu fol ter com seu pai,

que chegava à varanda, e em

presença dele recebeu de Alo-

ro um pequeno cofre, que o mo-

ço fez conduzir, e que continha

duas onças o céu azul e aveludado

de riqueza.

Não podia haver sítio mais

agradável para se passar uma

esta de estio, do que esse ca-

ramachão cheio de sombra e de

vento que tapava essas fragas, as árvores que ha-

viam nascido nas fendas das

pedras, e reclinando sobre o

vale teciam um lindo doce-

riundo, tornavam aquele reti-

ro pitoresco.

Não podia haver sítio mais

agradável para se passar uma

esta de estio, do que esse ca-

ramachão cheio de sombra e de

vento que tapava essas fragas,

as árvores que ha-

viam nascido nas fendas das

pedras, e reclinando sobre o

vale teciam um lindo doce-

riundo, tornavam aquele reti-

ro pitoresco.

Cecília corria pelo vale per-

segurando um lindo colibrí,

que voava rápidamente de mil

cores, cintilando como o prisma

de um raio solar. A linda menina,

com o rosto animado,

rindo-se dos golpes que a ave-

inha lhe fazia dar, como se

brincasse com ela, achava res-

se folgado um rivo alegre.

Mas afinal, sentindo-se fanni-

ada, foi recostar-se em um cí-

lomo de relva, que elevando-se

no sopé do rochedo, formava

uma espécie de dívor natural.

Descansou a cabeça no chão,

e assim ficou com os pesinhos

estendidos sobre o orme que

os escondia como a ida de um ri-

vo a fonte, e o sol mimoso a

arfar com o anelito da respi-

ração.

Sentia esperar-se o coração rácio.

Algun tempo se passou sem

que o menor incidente pertur-

asse ou suave painel que forma-

va esse grupo de família.

De repente, entre o docel de

verdura que cobria esta cena,

ouviu-se um grito vibrante e

uma palavra de língua estran-

ha:

— "Iara!"

E um vocábulo guarani: si-

gnifica "a senhora".

D. Antonio levantou-se; vol-

vendo olhos rápidos, via sobre

a eminência que ficava sobran-

do a lugar em que estava Cecilia, um quadro original.

De pé, fortemente apoiado

sobre a base estreita que for-

mava a rocha, um relvado co-

berto com um ligero salto de

algodão metia o ombro a uma

larca de pedra que se desenca-

vara do seu alívio, e ia rolar

para a encosta.

O índio fazia um esforço su-

permo para sustentar o peso

da liga que servia de amarras

ao braço direito, e voltando

o rosto para a liga, sentiu-

o fogo da dor.

— Iara! — gritou.

— I

# DE JOSÉ DE ALENCAR

tou-lhe o cavaleiro em guarda.

— Gottacaz respondeu o selvagem erguendo a cabeça com alívio.

— Como te chamas?

— Peri, filho de Araré, príncipe da sua tribo.

— Eu, sou um fidalgo português, um branco inimigo de tua tribo, conquistador de tua terra; mas tu salvaste minha filha; por isso te a minha amizade.

— Peri aceita; tu já eras amigo.

— Como assim? perguntou D. Antônio admirado.

— Ouvi,

O índio começou, na sua linguagem tão rica e poética, com a doce pronúncia que parecia ter aprendido das auras da sua terra ou das aves das florestas virgens, esta simples narração.



"Era o tempo das árvores de outono.

"A terra cobriu o corpo de Araré e as suas armas, menos o seu arco de guerra.

"Peri chamou os guerreiros de sua tribo e disse:

— "Pal morre; aquele que for o mais forte entre todos, terá o arco de Araré. Guerra!"

"Assim falou Peri; os guerreiros responderam: Guerra! Enquanto o sol alumia a terra, caminhamos; quando a lua subiu ao céu, chegamos. Combatemos como Gottacazes. Toda a noite foi uma guerra. Houve sangue, houve fogo.

"Quando Peri abatou o arco de Araré, não havia na tafa dos brancos uma cabana em pé, um homem vivo; tudo era cinza.

"Vem o dia e alumiam o campo; voto o vento e levou a cinza.

"Peri tinha vencido; era o primeiro de sua tribo e o mais forte de todos os guerreiros.

"Sua mãe chegou e disse:

"Os guerreiros chegaram e disseram:

— Peri, chefe dos Gottacazes, filho de Araré, tu és grande, tu és forte como teu pai; tua mãe te ama."

"Os guerreiros chegaram e disseram:

— Peri, chefe dos Gottacazes, filho de Araré, tu és o mais valente da tribo e o mais temido do inimigo; os guerreiros te obedecem."

"As mulheres chegaram e disseram:

— Peri, primeiro de todos, tu és belo como o sol, e flexível como a cana selvagem que te deu o nome; as mulheres são tuas escravas."

"Peri ouviu e não respondeu; nem a voz de sua mãe, nem o canto dos guerreiros, nem o amor das mulheres, o fez sorrir.

"Na casa da cruz, no meio do fogo, Peri tinha visto a senhora dos brancos; era alta como a filha da tua; era bela como a gema do rio.

"Tinha a cor do céu nos olhos; a cor do sol nos cabelos; estava vestida de nuvens, com um cinto de estrelas e uma pluma de luz.

"O fogo passou; a casa da cruz caiu.

"De noite Peri teve um sonho; a senhora apareceu; estava triste e jalou assim:

— Peri, guerreiro livre, tu és meu escravo; tu me seguirás por toda a parte, como a estrela grande acompanha o dia.

"A tua tinta voltada o seu arco vermelho, quando tornarmos da guerra; todas as noites Peri via a senhora na sua nuvem; ela não tocava a terra, e Peri não podia subir ao céu.

"O coqueiro quando perde a sua folha parece morto; não tem flor, nem sombra; chorar suas lágrimas doces como o mel dos seus frutos.

"Assim Peri ficou triste.

"A senhora não apareceu mais; e Peri via sempre a senhora nas suas olhos.

"As árvores ficaram verdes; os passarinhos fizeram seus ninhos; o sabidão cantou; tudo ria;

o filho de Araré lembrou-se de seu pai.

— Vou passar o gavio.

"Se Peri fosse o gavio ia ver a senhora no céu.

— Vou passar o vento.

"Se Peri fosse o vento, carregava a senhora no ar.

— Vou passar a sombra.

"Se Peri fosse a sombra, acompanhava a senhora de noite.

"Os passarinhos dormiram três vezes.

— Sua mãe veio e disse:

"— Peri, filho de Araré, querido branco salvou tua mãe; virgem branca também.

"Peri tomou suas armas e partiu; ia per o guerreiro branco para ser amigo; e a filha da senhora para ser escrava.

— O sol chegava ao meio do céu e Peri chegava também ao arco; avistou longe a tua casa grande.

"A virgem branca apareceu. Era a senhora que Peri tinha visto: não estava triste como na primeira vez; estava alegre; tinha deixado lá a nuvem e as estrelas.

— Peri disse:

"A senhora desceu do céu, porou a tua tua mãe deitou; Peri, filho do sol, acompanhava a senhora na terra.

"Os olhos estavam na senhora; e o ouvido no coração de Peri. A pedra estalou e quis sair mal à senhora.

"A senhora tinha salvado a mãe de Peri. Peri não quis que a senhora ficasse triste, e voltasse ao céu.

"Guerreiro branco, Peri, primeiro de sua tribo, filho de Araré, da nação Gottacazes, forte na guerra, te oferece o seu arco; tu és amigo."



O índio terminou aqui a sua narração.

Enquanto falava, um assomo do orgulho selvagem da força e da coragem, da bravura nos olhos negros, e dava certa honestidade ao seu gesto. Embora ignorante, filho da florestas, era um rei: aí a realze da força.

Apenas concluiu, a altivez do guerreiro desapareceu; ficou tímido e modesto; já não era mais do que um barbáro ou fanático que podia, essa linguagem poética a Cecília, a qual já livre do susto queria por força, apesar do medo que lhe causava o selvagem, saber o que ele dizia.

D. Antônio o ouvia surrindo, da seu estúdio ora figurado, ora tão singelo como as primeiras frases que balbucia a criança aos peitos maternos. O fidalgo traduzia, da melhor maneira que podia, essa linguagem poética a Cecília, a qual já livre do susto queria por força, apesar do medo que lhe causava o selvagem, saber o que ele dizia.

Compreenderam na história de Peri, que uma índia, saía havia dois dias por D. Antônio das mãos dos aventureiros e a quem Cecília encheria de presentes de velórios azuis e escuriões, era a mãe do selvagem.

— Peri, disse o fidalgo, quando dois homens se encontraram e ficaram amigos, o que está na causa do outro recebe a hospitalidade.

E o costume que os velhos transmitiram aos moços da tribo, e os pais aos filhos.

— Tu cédras conosco.

— Peri te obedece.

A tarde declinava; as primeiras estrelas iluminavam a família, acompanhada por Peri, dirigiu-se à casa, e subiu a explanação.

D. Antônio entrou um momento e voltou trazendo uma linda clavina taxidiada com o braço de armas do fidalgo, a mesma que já vimos nas mãos do índio.

— E a minha companheira fiel, a minha arma de guerra; nunca mentiu fogo, nunca errou o alvo: a sua bala é como a seta do teu arco. Peri, tu me deixa minha filha; minha filha te dá a arma de guerra de seu pai.

O índio recebeu o presente com uma efusão de profundo reconhecimento.

— Esta arma, que vem da senhora, e Peri fará um só corpo.

A campa do terreiro tocou anuncianto a ceia.

O índio, perdido no meio dos usos estranhos, tomado de um santo respeito, não sabia como se ter.

Apesar de todos os esforços do fidalgo, que sentia um prazer indizível em mostrar-lhe quanto apreciava a sua ação e remorosa com a alegria de ver sua filha viva, o selvagem não tocou em um só manjar.

Por fim D. Antônio de Mariz, conhecendo — que toda a insistência era inútil, encheu duas taças de vinho das Candrias.

— Peri, disse o fidalgo, há um costume entre os brancos, de um homem beber por aquele que é amigo. O vinho é o leitor que dá a força, a coragem, a alegria. Beber por um amigo é uma maneira de dizer que o amigo é e será forte, corajoso e feliz. Eu bebo pelo filho de Araré.

— E Peri bebe por ti, porque és pai da senhora; bebe por ti, porque salvaste sua mãe; bebe por ti, porque és guerreiro.

A cada palavra o índio tocou a taça e bebeu um trago de vinho, sem fazer o menor gesto de desgosto; ele beberia neno à saúde do pai de Cecília.

## ALGUMAS PÁGINAS D'EIRACEMA

José de Alencar



Verdes mares bravios de minha terra natal, onde canta a jandais nas frondes da carnauba!

Verdes mares, que brilhais como líquida esmeralda, aos raios do sol nascente, perlando as alvas praias ensombradas de coqueiros!

Serenas, verdes mares, e alisados docemente a vaga impetuosa, para que o barco aventureiro, manso, resalte à flor das águas.

Onde val a afonta jangada, que deixa rápida a costa centrense, aberta ao fresco terral a grande vela?

Onde val, como branca alecrim, buscando o rochedo pâtrio nas solidões do oceano?

Três entes respiram sobre o fragil lenho que vai arrançando velocidade, sobre o mar em fera.

Um jovem guerreiro, cuja testa branca não cora o sangue americano; uma criança e um rapaz que viram a luta no berço das florestas, e brincam, irmãos, filhos ambos de mesma terra selvagem.

A lufada intermitente das praias, da praia, um eco vibrante, que ressoam entre o marulho das vagas:

— Iracema!

O moço guerreiro, encostado ao mastro, leva os olhos presos, na sombra fugitiva da terra: a espas, o olhar empanhado por ténue pálida cal sobre o girau, onde folgam as duas inocentes criaturas, companheiras de seu infôrmulo.

Nesse momento o lâbio arrancado em agro sorriso.

Que deixara ele na terra de exílio?

Uma história, que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu, argenteando os campos, e a brisa ruiva girava nos palmeiros.

Refresca o vento.

O ruído das vagas precipita. O barco salta sobre as ondas e que teus irmãos já possuiram, e hoje teem os meus.

Benvindo seja o estrangeiro a os bosques *aze* sobre o senhor das aldeias, e a cabana de Araken, pai de Iracema!

Deus te leve a salvo, brioso e ativo barco, por entre as vagas revoltas, e te poje alguma ensaada amiga. Soprem para ti as brandas auras; e para ti jaspes a bonança mares de leite.

Enquanto vogas assim, a discrepancy do vento, airoso barco, move as brancas areias a saudade que te acompanha, mas não se parte da terra onde revoa.

II

Alem, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos júbios do mato, que tinha os cabelos mais negros que a asa da grama e mais longos que seu talhe de palmeira.

O fuso da jata não era doce como seu sorriso; nem a baunilha ressecada no bosque como o seu hálito perfumado.

Mais rápida que a em selva, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipá, onde campeava sua guerra tribu, da grande nação Tabajara. O pôr gracial e nu, mal roçando ilúvias, apenas a verde pelúcia que vestia a terra, com as primeiras águas.

Um dia, no pino do sol, ela repousava em um claro das florestas, Banhava-em-lhe o corpo a sombra da oficina, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre espalhavam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros amigavam o canto.

Enquanto repousa, Iracema empilhava das penas do gará as flechas do seu arco, e concerta, com o sabidão da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

Quem pela primeira vez percorre o sertão nessa quadra, depois da longa seca, sente confundir-lhe a alma até os últimos reflores em face dessa inanição da vida, desse imenso holocausto da terra.

E' mais fúnebre do que um cemitério. Na cidade dos mortos as loutas estão cercadas por uma vegetação que vira e floresce; mas aquí a vida abandona a terra, e toda essa região que se estende por centenas de léguas não é mais do que o vasto jazigo de uma natureza extinta, e o sepulcro da própria criação.

Dos torrentes caudais restam apenas os leitos estanques, onde não se percebe mala nem vestígios da água que os assoreava. Saber-se que ali houve um rio, pela depressão do terreno, e pela areia alva e fina que o encurro lavou.

E' nos estuários dessas aluviais do inverno, conhecidas com o nome de varzeas, onde se conserva algum vestígio da vida, que parece haver de todo abandonada a terra. Ai se encontram, semeadas pelo campo, touceiras ericadas de puas e espinhos em que se entrelaçam os cardos e as carnaubas. Sempre verdes, ainda quando não caí do céu uma só gota de orvalho, estas plantas simbolizam no sertão as duas virtudes caêrenses, a sobriedade e a perseverança.

O capitão-mor havia se estendido a quatro léguas da fazenda, e partira à tarde quando quicou a força do sol, contando chegar a sua casa à noiteinha.

Nessas horas do ocaso o sertão perde o aspecto morno, acerbo e descolorado que torna ao dardear do sol em brasa. A sombra da tarde reveste-o de seu manto suave e melancólico; e também a hora em que chega a brisa do mar e derrama por essa atmosfera, incandescente como uma fornalha, a sua frescura consoladora.



José de Alencar em 1851

## UMA PÁGINA DE

### "O SERTANEJO"

#### A SECA NO SERTÃO

José de Alencar

# JOSÉ DE ALENCAR,

Iº Canto

## A GUERRA

**Do deserto, minhalma!** Sobre os pinheiros  
Da bruxa penúria, enquanto o resto  
Dos outros da montanha vulta e breme,  
Soltá a rude pecúnia, o canto fero.  
Dos filhos de Tupan. E ruia a inúbia,  
Tromba pela rárreia os sons drânicos.

II

**Sabice, Amazônas!** Ret das reis das águas,  
Panai dos rios, filha do dilúvio!  
Gigante, que o maior dos oceanos  
Gerou noa flancos da maior montanha!  
E's origem do líquido elemento  
Que circunda o universo! E's tu que pegas  
Das pelágias sem fim as profundezas.  
Onde matam a sede o céu e a terra?  
E's puas das ondas, ou tiroz delas?

**Coloso lugente, que fundiu nas águas**  
O verbo de um artista onipotente,  
A cabeca reclina sobre os Andes  
Ao céu rasgando as largas catarratas.  
O dorso enorme recuperou estendentes,  
Peia terra que verga com seu peso;  
Ou mi braços, que abrigam pelas serras,

**Abraçou tanto espaço que outros mundos**  
Coceram aliás, neste mundo novo,  
Foco para teu berço. Com desprezo  
Aos pez o colo emagras do oceano,  
Que enginhou se ria pelas praias.  
Mas prostrado e vencido, não resvalo,  
O mar soberbo às reves se revolto.  
Alcançou a fronte, a juba desgrenhada,  
Serrava e raiava e rage e roava e roava;  
E o sangue, imensa cauda deslocando,  
Te enlaga o corpo no impotente esforço.

**Pousa em teus ombros o condor atívo**  
Avulta-teu dos páramos da América;  
O sognar, rei da sôbria divindade,  
E' capir, que dos pez o chão devora,  
Teus rafeiros humildes, te farejam  
De longe. A scina pastam de teu sangue  
Milhões de raças de avivais selvagens.  
Vertes, que te pululam nas entroncas,  
São negros manatis, jacas enormes,  
Demônial aberto do mês dâgnos,  
E sucui, levitam das rios.  
Resvalua por teu corpo, nêle insetos,  
Horrendos crocodilos, negras serpes,  
Valzes metamorfoses monstruosas  
Dos grossos troncos de tombadas árvores,  
Que os jodos animam corrompendo.

**Aqui, junguio, sob mão do Eterno,**  
Cra, ado ao chão, menara do deserto.  
Como Satan domado pelo arcângel.  
Dormes por todo o século dos séculos.  
Mas quanto es grande mesmo adormecido!  
Ruge o trovão no peito que resfôlo;  
Um boleto turbilhona em teu anelito;  
Se arquejas sobre o leito, o céu se torna,  
As nuvens se convolvem na prôvela.  
Foge a base às montanhas que se abismam,  
Trem a terra abalada nos seus eixos.  
Dorme, o gênio das águas! Quando o senho  
Terrível do Senhor, tu despertares,  
O mundo voltará de novo ao caos.

III

**Eis o deserto! Surge alem, ao longe,**  
Mar de florestas, sobre o mar dos rios.

**Penetrando os umbrais da virgem pátria,**  
Minhalma, repousemos um instante.  
Peregrinos, pisamos terra santa  
E nunca profanada. Aqui na rama  
Desse plantar sem nome conhecidio,  
Limpemos a poeira das sandálias.  
Que rocam na lama das cidades,  
E o chão varreram já de prava pudibunda.  
Oh! Não lancemos, não, só de unhas,  
Que estroem da caducia sociedade.  
Nem farpas do esqueleto carcomido  
Do mundo, sobre o vício em que se expande  
Desse solo a robusta mocidade.  
Ignorante e simples, como outrora,  
Quando bebias dos maternos lábios  
O timido balbúcio nas caricias.  
Leite e polen que a infância te nutriram;  
Virgem, como do nada tua sainte,  
Vem, ó minha alma, a prece purifica.  
Adore ao Criador o seu silêncio.  
Contempla, admira, sente, crê, não pensa!  
Vem te engolhar nas aurás dessa brisa.  
Da harmonia e fragândia, essência e clair.  
Imerge o rosto nas torrentes douras,  
Sacude-lhe da luz que a jorros mana,  
Beija este solo, nosso antepassado,

**Cujo humor nutre ainda a ténue aroia**  
Do corpo que o seu fogo intenso abraza.  
Banhá-la no cristal daquelhas águas  
Que se esfrolam nas lapas da cascata  
Em borbotões de espuma. Este batismo  
Vigora e juventude a mente enferme.

**Jocólio em terra!** — Estamos no deserto.  
Grande e imenso deserto, sólio angusto  
Da virgem natureza americana;  
Leto do amor, no qual o grande rito  
Fecunda o ventre dessa selva antiga;  
Imagem do infinito, monumento  
Da primitiva criação do mundo;  
Projunda solidão que a majestade  
Concebese, e o poder de um Deus unânime;  
Vasta amplitude em que a alma se dilata  
Além dos horizontes da existência;  
A embendar-se na luz da eternidade;  
Brasil selvagem, solo agreste e rudo,  
Que da lásica gente o baixo impuro  
Não sentisse a crescer-te a flor do rosto:  
Vale, donde formou-se o grande império.  
Quando passou a clarividão dos mares;  
Berço de minha pátria; ei-me em teu secal!

IV

**Como é donosa, mãe, no verno jubilo,**  
Da sempre revestida juventude;  
Custia esposa, do banho perfumado  
Na formosa nudez que o pejo vesto.  
Palpitante de amor, em laque espasmado  
Perceve que do caos, surgindo agora,  
Delijorares do céu, ruidosa a face,  
Meiga nos belos do sol, dobras o célo.  
E como a linda esposa, entre rubores,  
Desata a lâbia e calde vergonhosa  
A vida noutra lúbia de que vive,  
Tu, ao rogar da lida estremecendo,  
Abres o seio e bebes no deliquio  
A serra da brillante florescência.

**Tudo e sublime, tudo, em teu regaço!**  
Como ao rajar do mundo, nestes limbos,  
O espírito de Deus paira nos assos.  
Da vida eterna te délia o goso  
No sopro criador que te bejeia.  
Fulou-se ainda a mão onipotente  
Nestas moles de serros de granito  
Que figuram descer do céu à terra;  
Na vigorosa invulsão das rochas  
Vassoura pela lara incandescente  
Do fogo que soldou no espaço o globo;  
No luxo exuberante desta orgia,  
Que não se basta para em si conter-se,  
E forma em cada planta um novo sol.  
Ambo imensurável, sem limites.  
A grandezza tu narras do ser maximus.  
Nem a civilização que o homem gosta  
Como ril combustível, consumindo-o  
Na chama que depara a humanidade;  
Nem soberbos inventos, que do mundo  
A loucura presume que o realjam,  
Mas só revelam dele a nüllidade,  
A nobre simplicia desfloram  
Dentes campos. Ainda aqui não vejo  
A ciência arrogante, cujo orgulho  
Se atreve a disputar, verme da terra,  
Ao Senhor os mistérios do infinito.  
Monumentos de rica arquitetura,  
Iuros de pedra em que dum povo extinto,  
Le-se a miseria, alguma vez a glória;  
Hanca as artes ergueram nestes plainos.  
Punha o homem aqui, sombra de um dia,  
Esticou do pó, sobre o futuro.  
Apenas tosco esboço desenhado

**Sobre o rochedo, e simples urna fúnebre,**  
Dânia imortal, misterioso culto,  
Certo presentimento doutra vida,  
Dicas ao viandante solitário,  
"Aqui também sofreu a raça humana".  
Como a garça, que brinca sobre as águas,  
De faceta espehando a extreme alvura,  
Apenas sente as águas da corrente  
Manchar-lhe a ponta das ligeiras asas,  
Mergulha, se espanceja e ao sol aquece  
As plumas que de nífidas esplendem;  
Sempre isenta vibesta, ó pátria minha!  
Se o homem te crestava a tez mimosa,  
Banhava no oceano a linda espádua,  
Que enxugavas da luz no regio manto.

V

**Mas olhai... já buelço de espesso fumo,**  
Que a turba devirante arrasta ao vértice  
Da ambição, lá negreja no horizonte.  
O cavalo a vapor bufando espuma,  
Campeia, escarra o chão, relincha e parte,  
Traga a terra, sorvendo o espaço, e foge;  
Das áridas estepes vem do Cáccaso  
Pastar nos Andes a virenta grama.  
Seu hábito abrazado já te escalda,  
De longe embora, a fronte. Em breve tempo  
Aqui virá pisar com ferrea pata  
As flores mais mimosas de teus vales  
E a túnica de relvas que te cobre.  
Carrega a fera o gênio do progresso,  
Espírito de luz; só chama as asas,  
Tem do corsico o vôo; o rastro é cinza.  
E deve profanar-te, genitil pátria,  
A graça virginal destas campinas.  
Culto bastardo de emprestadas artes?  
Há de ornar-te nas festas de teus filhos,  
Pálida rosa murcha douras climas,  
O desbotado lirio? De vaídosas  
Deixarás que a nativa graca velêm  
Com louçanias de lavor estranho?  
Esquecerás aceso as melodias  
Das florestas, a pompa majestosa,  
E a sacagem poesia destas brenhas?

Não! Deus que te formou com tanto esmero,  
Mimo da criação e primor dela,  
Que ao mundo te ocultou por longas eras  
Para em ti se rever no doce enlevo.  
Como pai extremoso que recata  
Da virgem pura o cândido melindro;  
Deus te sorri! E's filha predileta;  
Das Judias a mais moça e mais formosa.  
Se tua irmã do sol é rôsio berço,  
Tu és do rei da luz a jovem noiva;  
Trajaria do progresso o manto esplêndido,  
Hão de sagrar-te entre as nações, rainha,  
Mas sem prostíbulos ao velho mundo  
Teu berço nocturno, pudor de pátria.  
Serás grande, Brasil, em ti eu creio,  
Como creio no Deus que me flaminhal

Neste horizonte impido e sereno,  
Gaze de luz tecida em áureos licos,  
Que vela do Senhor a face augusta,  
A mente se arrebata aos altos vôos.  
Um turbilhão de idéias tinda em poies,  
Larvas do pensamento adormecidas  
No calice da flor, no puro abjato.  
Do orvalho que tremula sobre a folha,  
Esperam só calor da inteligência  
Para de enchente abrir as asas rústicas.  
A natureza aqui mostra no tipo  
Das belas formas, no matiz brilhante,  
Como nas melopéias do deserto,  
Um molde original, sublime ritmo,  
Qual nunca o pressentira o gênio d'arte.

VI

**Teus filhos, pátria, o sangue leem dos Lusos,**  
Que dura revez da espada outro hemisfério  
Talharam do infinito. Cuja lança  
Hoste da cruz, gravou a lei de Cristo  
Onde a voz não chegou de seis apóstolos.  
Povo exíguo, assassinou-lhe Deus o berço  
Da cabeça da Europa, sobre o crâneo;  
Dende os arcanos rasgue do futuro  
E do universo as raías descontine.  
Estreito promontório, ninho angústia  
Prestes a desferir os largos surtos;  
Essa resga de terra, ainda sobrava  
Para conferir-lhe o reino; mas não cabe  
O grande coração da raça lustre.  
Que aíem, buscando espaço onde respira,  
Conquistar o mundo antigo, inventa o novo.

**Teus filhos... Parem, mãe, outros lusos!**  
Antes que irado o Atlântico arrogante  
Pela fúria dos novos aragonutas  
Que oussaram sujeitar-lhe as ondas lures,  
Do oriente os lancesse no ocidente;  
Antes que o mar, qual tigre sacrido  
Que a presa repudia, nesta plaga  
Rejeitasse os intrépidos corsários;  
Dominando teus campos soberanos  
Uma raça valente, grande e forte.

**Raça jovem, dos brasos na pujança,**  
Nascera neste vale, estenso berço  
De povos invasores, que mais tarda  
Em longas migrações se derramarão,  
Como veias de rápidas torrentes  
Cavam, rompendo a lapa, alcove na rocha.  
Daqui partiram elas a conquista  
Das regiões do sul. Nunca vencidos,  
Os limites mediram pelas armas  
Do vasto continente avassalado,  
Onde cada nação plantara a fada  
E dera a seus guerreiros nova pátria.

VII

**Onde estão estes povos primitivos?**  
Que é de nossos irmãos, teus primogêntos,  
De teus filhos selvagens, minha terra?  
Extinguiram-se! Alguns dispersos vagam,  
Pois outros se acotiam como feras,  
Enragedos, perdido o antigo lustre,  
Dejêneres da pura e nobre casta.  
Poucos, dos ritos pátrios renegando  
Abrapados, à cruz, à sombra dela,  
 Misturaram seu sangue ao sangue estranho.  
Quase todos morreram defendendo  
O solo que dos pais guardava as cinzas,  
Os campos dos pais glória e conquista,  
E a liberdade, lei, direito santo.  
Mais que direito ou lei, culto profundo  
Feri religião de um povo indômito.  
Em torno aos filhos seus recente-nascidos,  
A cascavel coleia estremecendo  
De infantil prazer. Terna se encolha  
Na delícia de os ver à imagem sua;  
Ora em doces anéis toda se enroça,  
Palpitante de amor os cinco e estreita,  
Porque mãe, outra vez,inda os concebea.  
Mas subito o perigo perfo assimoa.  
Eis que das nuvens gavido, que patra,  
Abre o voo as garras encrespando;  
A serpente se assochia, sítia, evila  
O veneno, terrível brande a canda.  
Antes que armando o bote, enriste o coxo,  
Rusga o halto e na larga fauce aninha  
Os entes que gerou. No afa supremo,  
Egoísmo de mãe, sublime e justo.

**Devora a prele que salvar não pode,**  
No seto que a formou, vira sepulta.  
Assim os filhos teus, pátria, embainha  
Na sombra das florestas, sobre as águas,  
do rumor da cascata. No regaço

# P O E T A -- "Os Filhos de Tupan"

*De teus valões em flor, meteu os cinguis.  
Mas veio enfim o sol da desventura.  
Quando erranteu, nas matas foragidos,  
Estrangeiros na terra de seu berço,  
De esmorecida a fronte recinham;  
Abriu o seio e nela os recolheste.  
Prípara-lhe ser mãe orfã de filhos,  
A ser pátria de raça vil desbravos.*

*Ah! que voz triste e grave enche o silêncio,  
Pela amplidão dos ermos reboando;  
Que gemido plangente e mercenário  
Soltou a floresta das profundas crastas!  
Apenas a vento nas gargantas  
Alcançou, vulto solitário;  
O grande rio, opresso da dorrasca,  
Arca na agonia e se contorceu,  
Do luctado sulfúrea ao bicho ardente,  
A negra coma as árvores desgrenham.  
Os mil rumores vagos, indecisos,  
Que ali, aqui, crepitam pela sombra,  
Quais dobras pulsâncias da grande arteria  
Do globo, se condensam longe e longe  
No lugubre exterior da natureza.  
Tu choras, pátria, choras por teus filhos.  
Oh! silêncio, minha alma, respeitemos  
A dor da mãe, viuva, orfã da prole!*

## VIII

*Eram filhos de sua vingindade  
Primeiros que no seio concebera,  
E inocentes o peito lhe morderam.  
Eram belos como ela. Ales morenas,  
Crestada ao sol, brilhava com reflexos  
Do ouro encendido pelo rôu.  
Negros os olhos, negros os cabelos,  
Cinco o basalto dos rochedos pátrios;  
Rosto nu que moldava o pensamento  
Das linhas do perfil. O falso ereto,  
Como os órgãos da grande cordilheira.  
Qual alvejante bambu vergava airono;  
Forma esbelta de serpe, em que se elvia  
Do cedro a robusteza, do tigre a força.  
Almas rudes e ingênuas, corpo atlético,  
Fundiado em bronze, excedido na rocha.  
Tinham heraldo de seu Deus o nome.  
Chamavam-se Tupis, heróis e filhos  
De Tupan, criador e pai dos homens.*

*Ensinou-lhes somente a natureza,  
Uma ciência — amor; uma arte — a guerra.  
A terra em que nasciam, desvelada  
Trabalhava por eles, mãe e escrava.  
Aspro tronco brotando entre penhascos,  
Forrado, em borbotões manava o leite,  
Que no peito materno, homens robustos,  
Sugaram inda infantes para o mundo.  
Destituída nas lágrimas douradas,  
O beijoim as gomas recendentias,  
Incenso o sassafrás, perfume a abelha  
De rosado flor enchia os favos;  
E cada sol, das cocós sazonava  
A polpa delicada e o fruto creme.  
As vestes encontravam já tecidas  
Na casca das marimbas; e na plumagem  
Das aves seus ornatos de ouro e púrpura.  
Uma palmeira só dava à família  
Armas, sombra, alimento, fogo e vinho;  
O teto da cubana, e as rias malhas  
Da rede, que embalava amor de esposa.*

*Ráio de leite e mel, luz e perfume,  
A vida em flor, aqui desabrochava;  
Os lábios a coitiam num sorriso,  
Não crestada por hálito ofegante;  
Das bagas do suor não rarejada,  
Alé na morte a vida era suave  
E a terra mãe; um ápice na relva,  
De veneno uma gota; e vinha a noite  
E dormiam do sono que não sonha.  
A pátria, por que a vida tão risonha  
Lhes fizeste; não luta, mas enlevo?  
Os olhos com teus beijos lhes cerravam,  
Que não vissem além o mundo ingrato!*

*Eram felizes no infantil conchego  
De seu grêmio. Se a folha já caduca  
Do cauleiro que despria os ramos,  
Alguma vez levava fristos luas.  
A noite lhes trazia festa e fúlvia.  
A prole que em Tamandaré surgindo  
Da voragem das águas, renascera,  
Mais forte e vigorosa florescia.  
Da haste fragil saiu uma família;  
A família medrara e fez-se tribo;  
As tribus dividiram-se crescendo;  
E a grande raça, tronco já frondoso,  
Que batava embrião sobre o dilúvio,  
Formava cem nações, jovens, pujantes,  
Cem nações que cem chefes dirigiam,  
Reconhecendo os chefes um mais alto,  
Pai dos povos na paz, senhor da guerra.*

## IX

*Eram felizes. Quando o caso estranho  
De espanto e horror encheu a raça herética,  
E porque de Tupan confiou as iras,  
Manda grande abrê, que o deus inspira,  
Buscar a guerra no cimo das montanhas,  
E trazê-la da pátria no seio virgem  
Para a sede aplacar da terra amiga.  
Foi então que dos cémos altaneiros  
Dos Andes despenharam-se na planície*

*Ali, pátria, por que a vida tão risonha  
As turbas dos Oromos, gente bárbara,  
Que da afronta cruel ruge vingança.*

*Correu a flecha, núnica do combate;  
O trocão mandou as longas fabas  
A voz do chefe, e os deos responderam.  
Como em ondas caudais juntando as águas  
No largo e imenso leito do Amazonas  
Se transformam num mar tumultuoso rios,  
As cem nações tupis se ergueram, uma:  
Bracos de um corpo só, porem gigante,  
O prudente Iruama, o grande chefe,  
Os filhos de Tupan conduz à guerra.*

*Em meio da campina que se alarga  
Pelo deserto alem, planta Iruama  
O sacro maracá do povo egregio;  
A cabeça da guerra, assim chamada,  
Porque nela respira a alma sombria  
Do trucundo Areski, do torvo nome,  
Que odela a paz, despreza amor e vinho;  
A quem deleita a festa dos combates,  
Onde beba do sangue a rubra espuma.  
Da lança que erguinhara, sobre o topo,  
Ergue o vasto crânio, a fronte hiruta,  
De herói, que aos homens ensinou a guerra,  
Elo-o o tremendo vulto, o gesto assustador,  
Que no lenho esculpiu com rubras tintas  
Do vidente abaré a arte sublime.  
Os olhos coruscantes, que afrontavam  
Os raios de Tupan, das fundas órbitas,  
Fulminante de parox e inimigos.  
E inspiram nos Tupis a força invicta.  
Quando vibrada pelo vento a lança,  
Na boca hirante freme-lhe o bramido,  
Como estíllas de rocha que frassam;  
Era assim que rangiam do guerreiro.  
Os rios dentes no furor da pugna.*

*Quando via do sul a tempestade,  
Antes que sobre o mar envergues as asas,  
Cobre do Corcovado o largo dorso;  
Mas entre a bruma surte o cimo ativo  
Que domina sereno os horizontes.  
O povo dos Tupis antes que arroje  
Sobre o inimigo sanha, la roteia*

*O grande abaté, que sobranceiro  
Soltá da guerra o mirá soberbo.  
Disse Iruama: — "Filhos de meu arco,  
Fortes chefes e filhos de meus filhos,  
E netos de Tupi, primeiro homem,  
Gerado pelo vento na palmeira;  
Florestas de guerreiros que em hábito;  
Tupan nos ama, pois nos manda a guerra.  
Da guerra vem a força para o corpo,  
Como vem da torrente a força d'água.  
O sol trouxe o inimigo a nossos campos  
Mas há de aqui deixá-lo como a sombra  
Lastrado pela terra fria e negra.  
Quer Iruama e seus guerreiros queram  
Que o sol não morra sem que morra o último".*

## X

*A voz do chefe que a vitória ordena,  
Lá responde a poema dos guerreiros.  
"Tupan! Tupan! Tupan!" crebro rebrahem  
Com possante clamor o povo e bandeira  
Os tacapes que embaiham nos escudos.  
Premie a selvia Tupan; e de eco em eco  
Pelos frangos Tupan rotando, ao longe  
Tupan retrou: alel Tupan ribomba."  
Soc entido das Tupis o canto délico:  
"O grande pai do céu manda a seus filhos  
Inimigos sem conta, como as ondas  
Manda aos rios e a flor a sapucaia.  
Eles veem nos trazer as lindas filhas  
Que sonham noiva rede em nossas tabas.  
Veem de sangue orvalhar os nossos campos  
Porque se enfore a pequidá da mata,  
E da cor de encarnado o cardo brilhe.  
Vem ar-ros a colar dos alvos dentes;  
Dos ossos o bote rijo e sonoro.  
Eles veem como a seca folha dárvoe,  
Que ao tronco já não volta em que nascerá  
E negro pó da terra o vento a leva.  
Quer Iruama e seus guerreiros querem  
Que o sol não morra sem que morram todos".*

*"O herói Areski manda ao guerreiro  
Inimigos valentes, como a onça  
Manda ao jaguar; e o vento manda a chama.  
Eles vem dar aos velhos a vingança;  
Aos mancebos trazer nome de guerra.  
Veem os vóos medir as nossas flechas.  
O peso da tacape que brandimos,  
E do braço tupi a força inata.  
Veem do negro oitavo malar a fome,  
Porque de noite os sonhos não apoue;  
Eles veem como as águas da torrente  
Que ao seio mais não volvem da montanha  
E se perdem na areia do deserto.  
Quer Iruama e seus guerreiros querem  
Que o sol não morra sem que morram todos".*

*As guerras inimigas se desdobram  
Pela imensa campina, como nuvens,  
Pejadas de tufo, igneus de rôos,  
Que chocando-se rompem nas chapadas  
Da exelosa Ibiapaba. Um estampido  
Horisonso, um fragor medonho e fero,  
Voz da turba, do mar, da tempestade,  
Rebos pelo espaço e val rugindo,*

*Tremido da terra, estremecer os astros.  
Luz em torrentes, alto o sol dardeda;  
O céu resplende azul, a terra flores;  
Canta a floresta hosana ao rei do dia;  
Volte alem majestoso o grande rio.*

## VARIANTES DO PRIMEIRO CANTO

- V. 3 Nos antros da montanha uvando ralva
- V. 7 Ave, Amazônia! Rei dos reis das águas.
- V. 18 Oceano, oceano, oceano! Ande!
- V. 9 O corpo encharcado respondeu entende.
- V. 21 Pela terra que verga com seu peso.
- V. 22 Os mil braços que alonga pelas serras.
- V. 23 Contar pedram dentro do seu Amble.
- V. 24 Outros mundes ainda neste mundo.
- V. 30 Alcada a fronte, a juiba horripilante.
- V. 33 Ele estringe o corpo em impotente esforço.
- V. 38 Seus rafeiros humides e farejados.
- V. 39 De longe, a selvagem voz dos sangres
- V. 40 Vozinha que me pululam nas entranhas
- V. 48 São enormes cetáceos, viva male
- V. 42 Resvaliam por seu corpo, dedo inciso
- V. 43 Dorme, a glória do abismo, atado no poste
- V. 42 Quando à voz do Senhor tu despertares
- V. 19 Ao Sennho, os arcana do infinito
- V. 18 Come a terra, sorvendo o espírito; voz
- V. 20 os desbotados tirões? De validos
- V. 23 Deixa-as que a linda te distanciem

## NOTAS

- V. 4 POEMA — Grito de guerra dos tupis de pe-nulo e cema-clanian: porque o alarido era acompanhado de gestos de desafio e pelo estripar das armas.
- V. 5 INOBIA — Herói da mitologia dos tupis, significativa é a ideia de descendência a grande dança dos Tameios.
- V. 6 TUPIS — Herói da mitologia dos tupis, significativa é a ideia de descendência a grande dança dos Tameios.
- V. 7 INOBIA — Herói da mitologia dos tupis, significativa é a ideia de descendência a grande dança dos Tameios.
- V. 8 O MAIOR DOS OCEANOS — o Pacífico; e A MAIOR MONTANHA — os Andes. O Amazonas nasce na encosta oriental dos Andes, entre os picos Baturi, que chega cerca de 100 léguas distante da costa do Pacífico, e afluente toda a América do Sul para vir lançar-se no Atlântico, com um curso de 1.300 quilômetros.
- V. 10 CATARATAS — as cataratas estão apertas tutti.
- V. 11 SEM BRACOS — Os innumeráveis afluentes do Amazonas.
- V. 12 O BORBOREMA — Descrição do fenômeno da neblina tropical. Tentou-se na onomatopeia do todo esse trecho instar o estrondo das águas do mar replicadas pelo corrente do rio.
- V. 14 O CONDOR — Contaminé — Voyage en Amérique Meridional, pág. 115: "Le fameux oiseau appelle condor et par corruption condar que j'ai vu en plusieurs endroits des montagnes du Pérou." Província de Quillota, se trunava abundante, que em mil e quarenta estavam os lesões bas no bando do Marañon. J'assis vai vi plantas ou desess d'un troupeau de monteons."
- V. 13 MAE DAGUA — E' nas lendas populares do Brasil um espírito ou gênio, que produz a inundação, e que a imaginação do povo representa na figura de uma moça de prodigiosa formatura com os olhos verdes e os tranças muito longas.
- V. 14 SUCURU — Cobre que devora o sol. Encantava os animais e os homens, e os empurrava nos grandes rios do Brasil ao tempo de descobrir: hoje tem-se extinguido. Algumas exploradoras viram-nas maiores de 40 pés. Em várias províncias dão-lhe o nome de securu ou securujiuba; Gabriel Soares chama-a boluna.
- V. 15 ANIMALAM — Animalar é tornar em animal; e animalizar é dar qualidade de animal, igual diferença a que existe entre animal e humana.
- V. 16 NEM — Não se aceita na etimologia da mitologia este modo de exprimir-se e apenas uma figura para mostrar a desformidade dos repteis e animais que se eram naquela região.
- V. 17 SECULO DOS SECULOS — Per semia secular seculum, etc. — Us interstant in seculum seculi.
- V. 18 CUJO HUMOR, etc. — O vale do Amazonas é aquela terra que, como a imagem do Brasil antas da descoberta, é a pátria americana, o símbolo da terra natal.
- V. 19 O espírito de Deus patra nas asas — Os apóstolos Del perhibuit super asas — Genes. Cap. I v. 3
- V. 20 No aoso criador que te beija — Formavil igitur Dominus Deus hominem de timo terrae, et inspiravit in faciem eius spiraculum vitas et factum est homo in animalium viventem — Gen. Cap. 2 v. 7.
- V. 21 E' formidavel a morte de um animal.
- V. 22 Alusão à vegetação parasítica, tão exuberante em nosso país, e que dá um aspecto original e novo às florestas da América tropical.
- V. 23 A grandezza tu narras de um ser grande — Cetif emarrant gloriam. Det. Salm. 18 v. 2.
- V. 24 Apenas tocou esboço desenhado...  
Sobre a rochedo, e simples urna funerária.
- V. 25 Entre o Orinoco e o Amazonas não auxílio falar de um terceiro, de um que é o dique de um túmulo sepulcral. As rochas unicamente nos montanhas, sobre uma grande extensão do país, traços grosseiros, que em tempos desconhecidos a mão do homem traçou e que se ligam a tradições religiosas... Humboldt 3 v. p. 240.
- V. 26 Que engraxava da barba no régio manto — Amictus inmine suelt vestimenta. — Pto. 161 v. 1
- V. 27 Das Indias Orientais foi o primeiro nome dado ao Brasil pelos Portugueses, para diferenciar das Indias Orientais.
- V. 28 Nascerá neste vale, estenso herze.
- V. 29 E' a opinião de Humboldt, quando fala dessas "miasas Mesopotâmia" que ne estende entre o Amazonas, o Orenoco e o Rio Negro. Vol. 30 p. 138.
- V. 30 A tradição dos tupis que dominavam a costa do Brasil no tempo da descoberta, rezava de uma encantada rochedo, que se achava no Rio Pará.
- V. 31 Onde cada nadão plastiava a barba.
- V. 32 Taba — aldeia — Era para os selvagens idêndicos, ou emigrantes o mesmo que a tenda de Beduino; isto é, a pátria conquistada, a ponto de repousar das correrias guerrileiras.
- V. 33 Patria dixiu-se retâma.
- V. 34 Dejanires a semelhante de cupíneres — Os adiutivos passavam em tons na língua latima, são uma espécie de indiscernivel na linguagem poética, cuja conciliação e harmonia não comporta o emprego de palavras de muitas sílabas.
- V. 35 Altas rudes e larguas, corpo atlético
- V. 36 Fundido em bronze, esculpido na rocha
- V. 37 Sobre a estatura dos selvagens,lein-ne Humboldt — Visagem no novo continente.
- V. 38 Ces Cartões serão os homens que nasce stature permanente. Humboldt, Pto. 227.
- V. 39 Chamavam-se Tupis, heróis e filhos.
- V. 40 Tupan — Deitir dos Tupis — Ta-panga — alma da vida.
- V. 41 Aspre tronco brotando entre penhascos
- V. 42 Que no peito materno homens robustos Sugavam inde dantes para a morte.
- V. 43 & árvore chamada pelas espécies pés de vime,

(Continua na página 129)

# A estátua de José de Alencar

(Discurso de Machado de Assis, na cerimônia de sua inauguração)

Senhores:

Tenho ainda presente a cena que, por algumas horas últimas, pousou o corpo de José de Alencar. Creio que jamais o espetáculo da morte me fez tão singular impressão. Quando entrei na adolescência, fulgiam os primeiros raios daquele grande engenho; vi-os depois em tanta cópia e com tal esplendor que eram já um sol, quando entrei na mocidade. Gonçalves Dias e os homens do seu tempo estavam feitos; Alvaro de Azevedo, como Irvig, era a bon-nova das poetas, falecera antes de revelado ao mundo. Todos eles influíram profundamente no ânimo juvenil que apenas balluciava alguma coisa; mas a ação crescente de Alencar dominava as outras. A sensação que recebi no primeiro encontro pessoal com ele foi extraordinária: creio ainda agora que não lhe disse nada, contentando-me de fitá-lo com os olhos, assombrados do mesmo Heine au ver passar Napoleão. A fascinação não diminuiu com o trato do homem e do artista. Daí o resumo da morte. Não podia crer que o autor de tanta vida estivesse ali, dentro de um fétro, mudo e inhabilitado por todos os tempos dos tempos. Mas o mistério e a realidade impunham-se; não havia mais que enterrá-lo e ir conversá-lo em seus livros.

Hoje, senhores, assistimos ao inicio de outro monumento, este agora da vida, destinado a dar à cidade, à pátria e ao mundo a imagem daquele que um dia acompanharamos ao cemitério. Volveram anos; voltaram coisas; mas a consciência humana diz-nos que, no meio das obras e dos tempos fugidos, subsiste a flor da poesia, no passo que a consciência nacional nos mostra na pessoa do grande escritor o robusto e vivo representante da literatura brasileira.

Não é aqui o lugar adequado à narração da carreira do autor de Iracema. Todos vós sabeis que foi rápida, brilhante e cheia; podemos dizer que ele saiu da Academia para a celebridade. Quem o lê agora, em dias e horas de escolha, e nos livros que mais lhe aprazem, não era ideia da fecundidade extraordinária que revelou, tão depressa, entrado na vida. Desde logo pôs mãos à crônica, ao romance, à crítica e ao teatro, dando a todas essas formas do pensamento um cunho particular e desconhecido. No romance, que foi a sua forma por excelência, a primeira narrativa, curta, simples, mal se espalhou da segunda e da terceira. Em três saltos estava o Guarani diante de nós; e daí veio a sucessão crescente de força, de esplendor, de variedade. O espírito de Alencar percorreu as diversas partes da nossa terra, o norte e o sul, a cidade e o sertão, a mata e a pampa, fixando-as em suas páginas, compondo assim com as diferenças da vida, das zonas, e dos tempos a unidade da sua obra.

Nenhum escritor teve em mais alto grau a alma brasileira. E não é só porque houve tratado assunto nosso. Há bre a terra.

um modo de ver e de sentir, que dá a nota intima da nacionalidade, independente da face externa das coisas. O mais francês dos sempre trágicos franceses é Racine, que só fez falar a antigos. Schiller é sempre alemão, quando recompõe Felipe II e Joana D'Arc. O nosso Alencar juntava a esse dom a natureza dos assuntos, tirados da vida ambiente da história local. Outros o fizeram também; mas a expressão do seu gênio era mais vigorosa e mais intensa. A imaginação que soprava nele o espírito de análise, dava a tudo o calor dos tropicos e as galas vivosas de nossa terra. O talento deserto, a riqueza, o mimo e a originalidade do estilo completavam a sua fisionomia literária.

Não me lembro aqui as letras políticas, os dias de governo e de trânsito. Toda essa parte de Alencar fica para a biografia. A glória contenta-se da outra parte. A política era inconquistável com ele, alma solitária. A disciplina dos partidos e a natural sujeição dos homens às necessidades e interesses comuns não podiam ser aceitas a um espírito que em outra estrela, a disputa da soberania e da liberdade. Primeiro em Itinas, era-lhe difícil ser segundo ou terceiro em Roma. Quando um ilustre homem de Estado respondendo a Alencar, já então apelado do governo, conquisrou a carreira política à do soldado, que tem de passar pelos serviços íntimos e ganhar os postos gradualmente, dando-lhe a si mesmo como exemplo dessa lei, usou de uma imagem feliz e verdadeira, mas ininteligível, para o autor das Minas de Prata. Um ponto há que notar, entretanto, naquele curto estudo político. O autor do Gaucho carecia das qualidades necessárias à iridiana, mas quis ser orador, e foi orador. Sabemos que se batem gallardamente com muitas das primeiras vozes do parlamento.

Desengano dos homens e das coisas. Alencar volveu de todo às suas queridas letras. As lettras são boas amigas; não lhe fizeram esquecer inteiramente as amarguras, é certo; senti-lhe mais de uma vez a alma enjaulada e abatida. Mas a arte, que é a liberdade, era a força mediatriz do seu espírito. Enquanto a imaginação inventava, compunha e polia novas obras, a contemplação mental ia vencer as tristezas do coração, e o misantropo amava os homens.

Agora que os anos vão passando sobre o óbito do escritor, é justo perpetuá-lo, pela mão do nosso ilustre estatuário nacional. Concluindo o livro de Iracema, escreveu Alencar esta palavra melancólica: "A Janília cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo o passa sobre a terra". Se nhões, a filosofia do livro não podia ser outra, mas a posterioridade é aquela janília que não deixa o coqueiro, e que ao contrário da que enudeceu na noite, repete e repete o nome da linda tabajara e do seu imortal autor. Nem tudo passa sobre a terra.

Janília ainda assim não parecia satisfeita. Estava constantemente a encolher-se, fazendo trejeitos para mergulhar o resto do pescoço e o queixo maior injúria possível.



A estátua de José de Alencar, na praça que tem o nome do grande escritor brasileiro, na capital da República.

## E M I L I A - José de Alencar

Não parava aí a fealdade da no tâlho do vestido, e sumir as mãos no punho das mangas. Caminhando, dobrava as curvas, afim de tornar comprida a agudas salinhas que davam ao corpo uma aspera birta. Era uma boneca, desconjuntada, a miúdo pelo gesto ao mesmo tempo brusco e timido.

Como ela trazia a cabeça constantemente baixa, a parte inferior do rosto ficava sempre na sombra. A barba inglesa pelo pescoco fino e longo; faces, não as tinha; a testa era comprimida sob as pastas batidas do cabelo, que repuxavam duas tranças compridas e espessas.

Restava apenas uma negra de fisionomia para os olhos, o nariz e a boca. Esta rasgava a maxila de uma orelha a outra. O nariz romano seria bonito em outro semblante mais regular.

Os olhos negros e desmedidamente grandes afundavam na penumbra do sobrolho sempre carregado, como buracos, pelas órbitas.

A respeito do traje, que é segunda epiderme da mulher e petais dessa flor animada, o da menina correspondia ao seu físico.

Compunha-se ele de um vestido liso e escorrido, que fechava o corpo como uma batina desde a garganta até os punhos e os tornozelos; de um lenço enrolado no pescoço, e de umas calças largas, que arrastavam, escondendo quase toda a botina.

Janília ainda assim não parecia satisfeita. Estava constantemente a encolher-se, fazendo trejeitos para mergulhar o resto do pescoço e o queixo maior injúria possível.

Timba um cuidado extremo em puxar para a frente as longas tranças do cabelo, que andavam sempre a dançar-lhe, como antolhos, pelo rosto. Se lhe falava alguma pessoa de intimidade da família, não lhe voltava as costas, como fazia com os estranhos, mas sentia logo uma necessidade invencível de cocer a cabeça, acompanhada por um repuxamento dos ombros. Eram modos de atravessar o braço diante do rosto e furtar o queixo, escondendo assim o que lhe restava de fisionomia.

Muitas vezes o sr. Duarte zombava com terra ironia desses bicos da filha:

— Deixa estar, Mila... dizia ele abraçando-a. Vou mandar fazer para ti um saco de lã com dois buracos no lugar dos olhos.

Tal era Janília aos quinze anos.

Entretanto, quem soubera a anatomia viva da beleza, colheria que havia nessa menina feia e desengraçada o arcanhão de uma soberba mulher. O esqueleto ali estava, só carnal de incarnaçao.

Ainda me lembro da cólera infantil de Janília, quando, a primeira vez que estive com ela, eu a perseguia de longe, chamando-a:

— Minha noiva!

— Feio! dizia-me então.

E pronunciava essa palavra, como se ela simbolizasse a

## Duas poesias de José de Alencar

### Estrela da Tarde

Boa noite, minha estrela!  
Vem consolar-me, estou triste;  
Volve a face: — querido vê-la...  
Ontem, má, nem me sorriste!

Por entre as alvas cortinas  
Das nuvens no branco seo  
A meiga fronte reclina.  
Sempre com tanto receio!

Os anjos puros de Deus  
Aman, pesar de inocentes;  
Mas tu, nem dos olhos meus  
A meiga prece consentes.

Em que te ofende o olhar  
Que só de longe te implora?  
Ai menos deixá-te amar  
Não amei, estrela, embora.

Já é tarde... Vais dormir?  
Adeus, mas volta amanhã...  
Ah! foges seu me sorri!  
Boa noite minha amá!

### ZELOS

Tenho ciúme  
Do ar que gira  
E que respira  
O teu perfume

Tenho ciúme  
Da luz que bebe  
Nos olhos d'Hebe  
O brando lume,

Tenho ciúme  
Desse retiro  
Que ouve o suspiro  
Do ten queixume,

Tenho ciúme  
Da flor, senhora  
Que em ti adora  
Celeste nume.

Tenho ciúme  
De quanto existe  
Que me faz triste  
E me consome.

Estas duas poesias do grande escritor brasileiro foram publicadas na "Cidade do Rio", em 25 de fevereiro de 1889, acompanhadas da seguinte nota:

**"JOSE' DE ALENCAR —**  
Presentamos hoje os nossos leitores com duas produções poéticas inéditas, de José de Alencar, gracas à gentileza de sua exma. família que nos cedem para este fim os dois trabalhos do ilustre literato brasileiro. Escusado é querer lembrar que eles trazem a data de 1857, época em que a poesia no Brasil estava longe de sujar que havia de ser o assombro de hoje. Oviam-se por esse tempo as grosserias poéticas de Gonçalves Dias, e atroavam os ares os gritos guerreiros de Gonçalves Dias. Tinha passado apenas como um relâmpago o gênio admirável mas antes prosador que poetava ainda em embrião; aquele moço extraordinário que se chamou Manoel Antônio Alves de Azevedo.  
Escritos naquele tempo de verdadeira desorientação na literatura brasileira, as duas produções do aplaudido romancista têm incontestável valor. Elas serviriam sem dúvida para atestar a fibra poética que José de Alencar possuía tão vibrante e afiada, se já não fosse essa a nota que palpita em toda a prosa de Iracema, e na maioria de suas obras, entre as quais — não somos o primeiro que o afirma — avultam algumas de alto merecimento".

## José de Alencar, político — Carta ao Imperador

x

"A honra é sempre a melhor política". Foi não somente uma bela frase, como uma obra gloriosa de Washington. Atualmente que se desenvolve entre nós um fervor de americanismo, seria para desejar que, antes dos braços e artefatos, transportassem de preferência para esta América as virtuosas tradições daqueles rígidos cidadãos, que primeiro civilizaram a liberdade no novo mundo.

A prosperidade material, que muitos sonham e esperam da colonização, das estradas de ferro, da navegação dos rios, que torna sem a regeneração moral do país? Matará para a combustão; pasto aos vermes.

A grandeza material deste império é obra de Deus. A exuberância do solo, a força criadora do clima, são de fazê-lo opulento infalivelmente. Da que mais necessitamos é da grandeza moral; das virtudes que ornam a juventude dos povos: e já mareamos nós, império de ontem, nos vícios das nações decretadas.

O primeiro ato do novo gabinete, creio que será pedir-vos a dissolução da Câmara. A exposição dos motivos desse decreto valerá ante o país com a declaração formal e completa da política inaugurada.

Ainda que a Câmara estivesse disposta a aceitar a nova ordem de coisas, a verdade do

sistema representativo e o decoro parlamentar exigiam a provocação às urnas.

A Câmara, representante imediato do povo, exprime a opinião atual do país, a opinião que vigorava desde o tempo de sua eleição até o momento presente. Quando o monarca entende que o bem do Estado reclama outras idéias, entra em lutas existentes, é preciso que a opinião se pronuncie explicitamente sobre a nova política proposta pela coroa.

A Câmara anterior é anacrônica para essa política futura: seu apoio não patentearia o voto nacional; o Senado não saberia qual atitude tomar. Por outro lado ficaria pairando sobre a facili assembleia uma forte suspeita de corrupção ou fraude.

E por isso que o Ministério de 30 de maio de 1862 subverteu as formas parlamentares. Inaugurando uma terceira política, extrairia as duas faces da opinião reclinante no parlamento, não provocou, como devera, o pronunciamento nacional.

Qual foi a consequência? A nova legislatura apenas instalada repudiou o gabinete, declarando por tal modo que a nação fora governada cerca de dois anos contra seu voto.

Os vícios do nosso sistema eleitoral, ninguém os desconhece; não obstante, sob a influência regeneradora da revolução iniciada pela coroa e a ação de um governo justo, devemos esperar que a nova Câmara seja

pelo menos séria e moralizada. Em pior regime se elegeram a constituinte e as legislaturas de 1826 e 1830, assembléas notáveis pelo patriotismo e independência.

Quando porém aconteça que a nova legislatura salte das uras contaminadas pela venalidade, ou se deprave na verificação dos poderes, dissolver-se-á de novo, senhor, e sem hesitação, embora preste decidido apoio ao gabinete. Será um exemplo de moralidade. A posição que assumires perante a nação há de acordar a consciência pública. O país sentirá que desejaria reinar sobre um povo moralizado.

Eessa insistência da coroa é legítima e salutar, apesar do que pretendam certos terroristas.

Um dos maiores políticos dos últimos tempos, Cavour, também pensava que a dissolução, longe de ser uma violência à vontade nacional, é o meio de imprimir à sua manifestação maior solenidade. Ele dissolveu em 1853 uma legislatura não obstante a grande maioria que o apoiava; era necessário fazer sentir no Senado; que resistiu, a firmes da opinião do país a respeito da secularização dos bens eclesiásticos.

Não terás necessidade porém de insistir, senhor. Esta expansão veemente do espírito público a respeito de vossa augusta pessoa é núnica de uma crise salutar que se há de operar sob o influxo da iniciativa imperial. A nova legislatura corresponderá à situação; e voltará as reformas mais urgentes, apoiando francamente o gabinete, porém mantendo-lhe sua dignidade.

Deve aparecer no país uma oposição; qualquer que seja a perversão de seus instintos, desde que combater um governo honesto, será coagida a moralizar-se para lutar com vantagem. Dizia o grande Pitt: "Se não tivéssemos uma oposição, seria necessário inventá-la".

O primeiro e grande benefício de vossa política será a restauração dos partidos e sua depuração. A virtude reassumirá seu império; a emulação para o bem voltará. As idéias atualmente sufragadas pelo egoísmo poderão sair a lume; tem vez das grosseiras cícladas da corrupção, os principios combatendo com as armas leais e nobres da inteligência, que não geram rancores.

Eles sentirão a necessidade de buscar o apoio das diversas classes do país, cujas tendências formam as moléculas da opinião. A agricultura, o comércio, as letras, as artes, terão a par da administração voto na causa pública, e pesarão no balanço social.

Restaurados os partidos, o feudalismo das posições oficiais desaparecerá para dar lugar a verdadeira aristocracia do mérito, corrigida pela opinião, e renovada pela seiva popular. Ao clima e egoísmo que aleijam o talento, há de succeder a emulação que desenvolve as valentes inteligências.

Os ministros notáveis não obscuram o brilho do trono, antes o realçam. A história não mostra um só grande rei isolado dessas vigorosas individualidades, que são na frase do evangelho "o sal da terra" e o creme dos povos.

Crial, senhor, estadistas eminentes; suas obras, como seus nomes, serão raios de vossa glória.

Quando os ilustres representantes da geração que vai sumir-se, possam encher os seus dias com uma velhice de Chatham e Palmerston; quando aos novos estadistas, que se estão gastando em um d'oro atrito de paixões acerbas, se ofereça a longa carreira de Manning, Russell e Gladstone; e à mocidade brasileira não se antoje um sonho impossível a rápida ascensão de um William Pitt ou Robert Peel; a coroa que vos cinge a augusta

## O PAMPA - José de Alencar

Como são melancólicas e solenes, ao pino do sol, as vastas campinas que cingem as margens do Uruguai e seus afluentes!

A savana se desfrilda a perder de vista, ondulando pelas sanguinhas e coquinhais que figuram as fluctuações das vagas nesse verde oceano. Mais profunda parece aqui a solidão, e mais pavorosa, do que na imensidão dos mares.

E' o mesmo ermo porto selado pela imobilidade, e como que estupefacto ante a majestade do firmamento.

Raro énta o espaço, cheio de luz, um pássaro errado, demandando a sombra, longe da restinga de matos que borda as orlas de algum arvoredo. A trecho passa o pôrdo bravio, desgarrado do magote; el-o que se vai retocando sempre babujar a grama do proximo banhado. No seio das ondas o naua sente-se isolado; é atomo envolto numa dobra do infinito. A âmbula imensa tem só duas faces convexas, o mar e o céu. As ondas se agitam em constante fluctuação; tecem uma voz, murmuram. No firmamento as nuvens cambiam de cada instantâneo soprão de vento; há nelas uma fisionomia, um gesto.

A tela oceânica, sempre majestosa e esplêndida, ressumbra poente vitalidade. O mesmo pôrdo, insaudável abismo, exuberante de força criadora; miríades de animais e povoados que surgem à flor da água.

O pampa, ao contrário é o pôrdo, o torpor da natureza.

O viandante perdido na incensa planicie, fica mais que isolado, fica expreso. Em torno dele, faz-se o vácuo; subita paralisia invade o espaço, que pesa sobre o homem como livida mortalidade. Lavor de jaspe, um basílio na lâmina azul do céu, é a ave-mare. O chão semelha a vasta lápide musgosa de extraño pavimento. Por toda a parte a instabilidade que simula o balbuciar do deserto.

Passmosa fisionomia da vida no seio de um alívio de Jus!

O pampa é a pátria do tufo. Ali, nas estepe ruas, impõe a relenos. Para a fúria dos elementos inventou o Criador as rijeas cadavericas da natureza. Diante da vaga impetuosa coloco o rochedo; como leito do furacão estendeu pela terra as imindas savanas da América e os ardentes areais da África.

Arroja-se o furacão pelas vastas plantioes; espalha-se nelas como o polvo indômito; convolvo a terra e o céu em espesso turbilhão. Afinal a natureza entra em repouso; serena, a tempestade; queda-se o deserto como dantes, plácido e inalterável.

E' a mesma face impassível; não há ali sorriso, nem ruga. Passou a borrasca, mas não ficaram vestígios. A savana permanece como foi ontem, como há de ser amanhã, até o dia em que o verme "homem" corrói essa crosta secular do deserto.

Ac por do sol perde o pampa os toques ardentes da lux mediterrânea. As grandes sombras, que não interceptam montes nem serras, desdobram-se lentamente pelo campo fora. E' então que assenta permanentemente na imensa planicie o nome castelhano. A "savana" figura realmente um vasto lençol desfraldado por sobre a terra e velando a virgem natureza americana.

Essa fisionomia crepuscular do deserto é suave nos primeiros momentos; mas logo após ressumbra o fogo funda tristeza que estruga a alma. Parece que o vasto e imenso orbe serra-se e vai minhando a ponte de espresos e coração.

Cada região da terra tem uma alma sua, raio criador que lhe imprime o cunho da originalidade. A natureza influi em todos os seres que ela gera e nutre aquela sua própria; e forma assim uma família na grande sociedade universal.

Quantos ares habitam as estepe americanas, sejam homem, animal ou planta, inspiram nelas uma alma pampa. Tem grandes virtudes desse essa alma. A coragem, a sobriedade, a rapidez são indignas da savana.

No seio dessa profunda solidão, onde não há guarda para a defesa, nem sombra para abrigo, é preciso apontar o deserto com inrepididade, sacrifício as primeiras com paciência e suprimir as distâncias pela velocidade.

Até árvore solitária que se ergue no meio dos pampas é tipo das suas virtudes. Seu aspecto tem o quer que seja de arrojado e desembaço, naquele tronco derredor, naqueles galhos convulsos, na folhagem desgrenhada, há uma atitude atlética. Logo se conhece que a árvore já lutou com o pampeiro e o venceu. Uma terra seca e poucos ovários batiam à sua nutrição. A árvore é sóbria e afeta as inclemências do sol abrasador. Veio de longe a semente; trouxe-a o turvo nas sementes e aírou-a ali, onde medrou. E' uma planta imigrante.

Como a árvore, não a ema, o touro, o corcel, todos os filhos brancos da savana.

Nenhum cote, porém, inspira mais energicamente a alma pampa do que o homem, o "gaucho". De cada ser que povo o deserto, tem o melhor; tem a velocidade da ema ou da corça, os braços do corcel e a veracidade do touro.

O coração, feito à natureza franca e descortinado como a vasta coquinhais; a paixão que o agita lembra os impetos do furacão, o mesmo bramido, a mesma pujança. A esse turbilhão do sentimento era indispensável uma amplitude de coração, imensa como a savana.

Tal é o pampa.

Esta palavra originária da língua guichua significa simplesmente o planalto; mas sob a tria expressão do vocabulário está viva e palpável a idéia. Pronuncie o nome, como o povo que o inventou. Não vedes no sem chão da voz, que rebota e se vai propagando, expirar no vago, a imagem fia da savana a dilatar-se por horizontes infinitos? Não evoca nessa majestosa onomatopeia repercutir a súrdina profunda e inerentemente dura das sementes solícidas?

Nas margens do Uruguai, onde a civilização já boboujou a virgindade primitiva dessas regiões, perdeu o pampa seu belo nome americano. O gaucho habitante da savana, dá-lhes o nome de campanha.

\* \* \* \* \*

**O GAUCHO**

fronte estará na altura de vosso nome.

O Brasil era menor há vinte anos; porém estava então mais alto, porque na sumidão que domina o trono brilhavam os grandes nomes de nossa história, de que bem raros e eclipsados restam. A pátria valia mais aos próprios olhos e à consideração das nações estrangeiras. Homens de grande mérito e alta posição eram enviados nas missões diplomáticas, hoje quase abandonadas.

Desbaste-se as clientelas para se formarem os nomes gloriosos, que ateiam a existência de um grande rei e de um grande povo. Eles são como as árvores gigantes que medram nas encostas das altas montanhas, onde exuberante o humus da terra, e manjam do alto ricos mananciais.

Senhor. O penoso sacrifício está consumado.

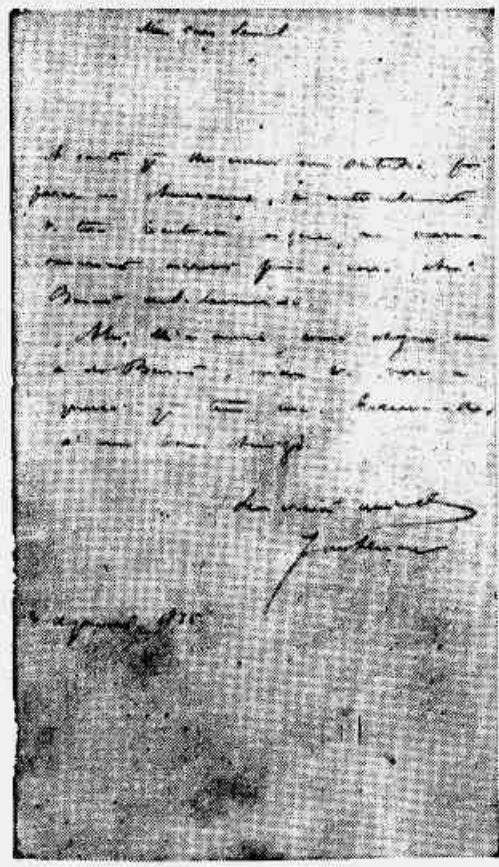
Muitas vezes arranquei a verda de do coração rebelde que a recuava; outras mais senti a

fronte estar na altura de vosso nome.

Meu caro Leonel,

### Correspondência de escritores

#### CARTA DE JOSÉ DE ALENCAR A LEONEL DE ALENCAR



JOSE' DE ALENCAR.

3-Janeiro-1875.

ERASMO

# José de Alencar, jornalista - A agricultura

O Brasil é um país essencialmente agrícola.

A natureza o destinou para essa nobre indústria, dotando-o de um solo vasto e ubérmino, em cuja área se encontram todos os climas.

A índole e os hábitos de seus primeiros povoadores desenvolveram essa disposição original, criando as lavouras que ainda hoje são a única fonte importante de nossa produção.

O regime colonial, com toda a sua brutalidade, não contrariou nunca, antes protegeu a seu modo o espírito agrícola das suas possessões americanas.

Nas por zeio de nosso futuro, mas por favor às fábricas e manufaturas do reino, foram proibidos no Brasil certos ofícios e acorocada a lavoura das terras.

Estava reservada ao governo constitucional a triste e ingrata missão de combater surdamente, pelo mais absurdo sistema económico, o incremento da nossa indústria, desviando o trabalho de seu curso natural.

Proclamada a independência, não era possível que se organizasse logo as nossas finanças, sobretudo quando as dissipações do primeirito império, menores todavia que as atuais, exauriam o tesouro, e o obrigavam a recorrer aos expedientes ruinosos.

Mas o prurido de mostrar proficiência económica fez copiar dos livros franceses solícitos refutados pelo simples bom-senso, e rotinas sem aplicação ao nosso país.

Um dos sofismas foi esse de que os empréstimos são fontes de renda, axioma preconizado pelo marquês de Abrantes, quando Calmon, e chefe da escola que inaugurou neste país sem fábricas e sem manufaturas o regime protetor dos velhos Estados europeus.

Então a escola da livre guerra combatia em França essa abusão económica dos governos que pensam desenvolver a indústria nacional encarecendo os produtos similares de procedência estrangeira.

Era essencial que o Brasil tivesse também um sistema protector, como depois veio a ter contencioso administrativo, e outras exóticas importações, sem o que não seria uma nação civilizada.

Mas o que havia a proteger neste país sem riquezas fabrili? Os nossos financeiros não se preocuparam com essa bagatela; e quando pelo diante a anomalia tornou-se flagrante, tomaram um engenhoso expediente.

Como faltava a indústria para ser protegida, cuidou-se em eriar, por meio de loterias e subvenções, umas fábricas enfermadas, que servissem de pretexto às enormidades da tarifa, e dessem uso a falar-se enfaticamente no parlamento — da indústria nacional.

Os nossos financeiros tem a ingenuidade de crer que o sistema protetor, ou, por outra, a elevação das taxas, aumenta a receita; e como eles não cogitam do povo e sim do fisco, estão convencidos que não há outra ciência além dessa de fumar bastante os gêneros de maior consumo.

Assim radicou-se em nossa administração o funesto regime; e se fosse possível chamar à barra da nação todos os ministros que o defendiam e consolidaram, nenhum, estou certo, se mostraria contrito dos males causados por tão grave erro.

Talvez ao contrário se apresentassem ufanos de sua obra, e reclamando as bengalas da pátria pelos serviços prestados com sua gestão.

Entretanto, o erro ali está patente; e a decadência da nossa agricultura, confessada pelo governo e apregoada no parlamento, não é outra coisa senão a consequência lógica e fatal de

um tacanho regime aduaneiro e, portanto, a obra longamente trabalhada dos nossos financeiros.

Falta de capital, de braços, de transporte, de estudos profissionais, todas estas causas apontadas do agravio da nossa lavoura, não são causas, mas efeitos da causa única: a nossa ignorância económica, ou, antes, a nossa índole rotineira.

Em verdade, não era preciso a ciência para mostrar que um país, onde o fisco la encarece gradualmente a vida pela exorbitância dos direitos de consumo, devia necessariamente empobrecer em cabedais, em braços, em trabalho, e até em estímulos.

O que admira é que ele tenha resistido à compressão de semelhante sistema e a ponto de ainda ser atualmente no mercado universal o primeiro produtor de café.

Mas as circunstâncias se agravaram de modo que, afinal, os poderes do Estado se preocuparam da questão agrícola, que é, sem contestação, o nosso máximo problema económico.

Depois de uma grande ostentação de inquéritos e relatórios, com que se pretendeu arrematar, mas só na papelagem, as práticas inglesas, votou-se uma lei chamada de auxílio à lavradora.

Triste epígrafe!

Para sanar os efeitos de um regime económico, filho da restrição e do privilégio, a ciência financeira do nosso governo não achou outra coisa senão um odioso monopólio!

O poder já invadiu tudo. Depois de absorver pela centralização a vida política e administrativa das localidades, ele começou a lançar as raízes do enorme polipo pelo campo das relações civis.

Monopolizou o crédito; avassalou o comércio; subvencionou a indústria; e domina até as profissões liberais pelos privilégios que reparte entre os seus favoritos. O Ministério da Agricultura criou duas novas classes: os advogados administrativos e os literatos imperiais.

Restava pôr a agricultura. Em todos os tempos e em todas as nações, sempre essa classe distinguiu-se pela sua independência e isenção, como por seus princípios de ordem e moralidade.

Em nosso país era ela talvez a base única de uma resistência legal e pacífica, mas perenemente e energica, às invasões do poder. Com sua costumada sagacidade a coroa viu o perigo, e encampou também a indústria rural.

Criou-se uma agricultura oficial.

Ela é único sentido e o efeito único da lei chamada de auxílio à lavoura, a qual, se ainda não produziu todos os males de que vem pejada, é porque o mercado monetário de Londres retraiu-se, espantado ante a nossa prodigalidade.

Quando, porém, cada província, ou cada município, tiver o seu engenho e fazenda central, subvenzionados pelo governo, a máquina administrativa ficará montada; e as lavouras serão, como as outras empresas, meras secções do Ministério das Obras Públicas.

Tal é o estado desanimador de nossa agricultura. Entretanto, para os males que a acarabram, como para os que afflictam o país em geral, há um remédio; remédio tão simples e desprezado, como eficaz.

E' a liberdade.

Mostraremos depois como, ao seu influxo poderoso, sem tutela nem subvenções, a nossa lavoura surgirá do abatimento e declínio a que chegou, para tomar um novo e vigoroso impulso e com ela todas as indústrias do país, atrofiadas pelo atual sistema financeiro. (D'O Protesto).

# José de Alencar, orador

(Discurso sobre a viagem imperial, proferido na sessão da Câmara dos Deputados de 9 de Maio de 1871)

descendeis, a perda da força moral". Em ambos os casos o suicídio; mas ao menos, o da resistência e glória!

Eu, portanto, senhores, não sou levado pelo receio de uma dissolução a defender a necessidade da restrição. Se há algum meio de prolongar a existência desta Câmara, é justamente o me de assuntos que tanto interessam a causa pública.

Estabeleci a competência da assembleia para restringir a regência do príncipe imperial, da

herdeira presumtiva da coroa; mas não basta; surge a questão de conveniência, que muitas vezes frequentemente em nosso país costume prejudicar a questão do direito e do princípio.

Conveniu conceder à princesa imperial o uso pleno das prerrogativas majestáticas, como está consignado na proposta?

Não, senhores, não conveniu, como há nesse alívio perigos muito sérios para o país e para a dinastia.

Vou entrar no desenvolvimento desta tese; mas para que o possa fazer com plena isenção de espírito, devo primeiramente arredar uma suspeita que há de surgir, se já não surgiu.

Entre as atribuições majestáticas figura a de dissolver o parlamento, uma das mais graves e importantes funções da realza, e uma das que, a exemplo da lei de 14 de junho de 1831, deve ser restrinida. Esta opinião, senhores, não faltaria quem a atribuisse ao rei da dissolução imediata. Embora eu considere esta augusta Câmara e cada um dos seus membros muito superiores a semelhante suspeita...

O sr. Coelho Rodrigues — Apolado.

O sr. J. de Alencar — ... entendo que é de meu dever repeli-la. Quanto a mim especialmente, confesso que preferia voltar para a oposição a prosseguir nesta tarefa imprópria que impõe ao país exigindo que se resolva pronta e agradecadamente a questão do elemento servil.

Graças, senhores, desde que uma questão incendiante, uma questão gravíssima, é assim lançada na arena, cumpro que esteja presente o chefe do estado, aquele que a fomentou, para recuar, se ainda for tempo. Dar a augusta princesa imperial o exercício pleno das atribuições majestáticas, é animá-la a resolver a questão do elemento servil.

Entendo eu, porém, senhores, que é esta uma das questões que não podem ser resolvidas senão estando presente o chefe do Estado; o contrário não seria digno dele nem conveniente para o país. Não se afronta crise desta ordem com interridas.

Se pode haver algum perigo mais serio do que a resolução precipitada da questão do elemento servil, é sem dúvida esse de sua resolução na ausência do chefe do Estado.

Uma voz — Apolado.

O sr. J. de Alencar — Quero resolver a todo transe a questão do elemento servil? Sejam logicos: chamem ao poder aqueles que iniciaram a questão, que devem ter medido seu alcance, que podem contar com um partido compacto em favor dela; que devem em suma carregar com sua responsabilidade.

Acredito que se os conselheiros da coroa tivessem submetido ao soberano estas e outras considerações, Sua Majestade houveria refletido muito seriamente antes de expor sua augusta filha às tribulações de uma regência em situação tão arriscada.

Já afirmei à Câmara que não há exemplo de regência ilimitada; citei a lição histórica dos países constitucionais e absolutos, os precedentes de Inglaterra, resta-me citar o nosso precedente, a lei de 14 de junho de 1831, que vigorou para a

primeira e segunda regência elektiva.

Bem sei que este argumento muito incomoda aos sustentadores da regência do direito divino; eles não admitem o paralelo. Como comparar o regente hereditário com o regente eleito? O príncipe com o cidadão? O membro da dinastia com um plebeu?

Quando ouço, senhores, considerações desta ordem, duvido de mim, e julgo-me transportado a alguma Rússia ou Turquia onde se fale português. (Riso).

Pois no nosso país essencialmente democrático, em que todo o poder tem a sua raiz no povo, donde tira sua força e legitimidade, se podem sustentar, a não ser por notável aberração, semelhantes paradoxos? Há no Brasil quem pretenda provar a superioridade de uma regência hereditária sobre uma elektiva?

Por que, senhores, neste país o rei é rei, e o príncipe é príncipe? Porque a nação o quer (Apoiados). Pois é este o mesmo princípio, é este o mesmo título da legitimidade do regente elektivo, com a diferença de que no regente hereditário predomina apenas um acidente de nascimento, e no regente elektivo há a manifestação solene da nação; um reconhecimento público dos dotes morais, do civismo, das virtudes do cidadão que ela ergue ao primeiro cargo, a cúpula do poder.

Tenho, senhores, considerado a questão por todas as faces, e examinado aqueles argumentos que me ocorreram, e que são geralmente apresentados em sustentação da opinião que combatem; se outros forem produzidos na discussão, e eu puderes, voltarei a tomar parte nela.

Se me fosse permitido, agora, desta tribuna, onde só devo falar à nação, dirigir à augusta princesa imperial, que vai brevemente reger este império, algumas palavras, eu lhe diria muito respeitosamente:

"Senhora, não aceiteis o presente fúnebre que vos querem fazer. A nação vos chama à regência, mas não só ainda a soberana; não podeis assumir o exercício pleno das atribuições majestáticas. Neta do fundador deste Império, inaugurei o vosso governo dando um grande e fecundo exemplo. Sujeitai-vos à mesma lei que vigorou para a regência elektiva; mostrai que no cumprimento da Constituição não há diferença entre o príncipe e o cidadão, porque ambos são súditos da soberania nacional. Identificai-vos assim com o vosso povo e terveis feito em uma hora, a bem do país, a bem da instituição monárquica, e da vossa dinastia, mais do que outros fizeram em muitos anos".

Vozes — Muito bem, muito bem.



Alencar no fim de sua vida

# José de Alencar no conceito dos seus contemporâneos

DE FRANCISCO OTAVIANO:

Contra meus votos, torcendo minhas aspirações e só por muita deferência a meu sogro, passei do folhetim literário e ameno do "Jornal do Comércio" para a redação política do "Correio Mercantil". Comunicando à direção daquele jornal a necessidade em que me via de separar-me dele, fui intimado, como é de cortezia na despedida dos ministros, para sponhar o meu sucessor.

José de Alencar, respondi sem hesitação. Os diretores do "Jornal" não mostraram nesse dia o tino que bem os encaminhava sempre. A "Semana" agradora, não por grande merecimento intrínseco, mas por aquele espírito alegre, vivaz, pronto, a quem manjaram todas as belas coisas, que comovem todas as grandes ações, desde a riqueza generosa até a pobreza bem suportada, espírito que a tudo se estreva, menos à ofensa por interesse, e que ora é sentimental com naturalidade, ora zombeteiro semi-jel. Esse espírito é um resplendor passageiro: só nos ilumina por poucos anos na aurora da vida. Começava a despontar em José de Alencar, em mim já ia declinando. Procurou-se para a "Semana" a grande ilustração, o estilo clássico, mesmo o grande talento; mas não se procurou o "feiticeiro", o demônio inspirador dos vinte anos. De meu conselho se legravaram os diretores do "Jornal": já era tarde. Eu estava constituído em centro de partido, redator principal do "Mercantil" e cabeça de família. Abdicara de moço. Não podia mais poetizar, não podia andar solto pelo campo da imaginação: tinha de aceitar um roteiro de jornada, em que eram defesas as peregrinações à Boêmia. Reconheceria a necessidade de ter Alencar a meu lado. Ele, cedendo a um sentimento que o honra, preferiu dar-me o seu concurso a alistar-se na turma de meus competidores.

No correr de 9 de agosto de 1853 dele recebi este aviso:

Otaviano — Lembras-te do que conversamos domingo, à noite, vindo de Botafogo, e especialmente de um projeto que me comunicaste, o qual me diz respeito e se ha de realizar em setembro? Se te lembras, deves lembrar-te também do que te eu disse na ocasião, que a seguir uma carreira nova para mim desejava começá-la a teu lado e debaixo de tuas vistas, porque me sorti essa ideia de continuarmos colegas e amigos, embora já lá vao os tempos de São Paulo. Entretanto, segundo te percebi, qualquer resolução a este respeito não depende unicamente de ti, pois que então sei que seria negócio feito. E' necessário o acordo de outros, e este acordo, bom ou mau para mim, eu precisava sabê-lo hoje. Tive, pela manhã, um encontro vantajoso, o qual facilmente adivinhava, porque direta ou indiretamente concorreste para ele. Não o aceitei por precisar consultar-te. Comprometi-me porém a dar uma resposta hoje e por isso voltei-me para ti. A noite desejo terminar isto; tu dirás com quem. Preciso dizer-te que te conviúto não só pelo dever rigoroso em que estou depois do que me dissesse, como por interesse meu: quem ganha se contigo eu for, não és tu, sou eu pelo que te disse no começo, e por outras razões que te direi. Vem jantar conigo no Hotel da Europa: conversaremos sobre este respeito com mais larguezas. Irei ao "Mercantil" esperar-te às 3 horas. Todo teu — Alencar.

P. S. — Esqueceu-me dizer-te que qualquer das duas coisas que se realize, "Correio Mercantil" ou "Jornal do Comércio", desejava que fizesse em segredo. De qualquer dos dois modos te vou substituir e, por conseguinte, prefiro que a dificuldade da posição recalca sobre um nome ignorado absolutamente."

Pelo tempo que recebi esta carta os conselheiros da redação do "Mercantil" eram meu sogro, o sr. Muniz Barreto, e os srs. Souza Franco e Sales Torres Homem.

Deixaram-me plena liberdade de ação. O acordo, de que eu falara a Alencar, era somente o de meus colaboradores do trabalho diário, porque foi costume, de que nunca me apartei, prover a harmonia pessoal de meus companheiros. Podiam pensar como lhes apropresse, mas era essencial que se não combatesssem publicamente, e mais do que tudo, que se estimassem pessoalmente. Para eles foi motivo de festa a comunicação reservada que lhes dei da carta de Alencar. Não podia haver fartura maior. Adivinhavam todas as suas grandes forças intelectuais, e todos lhe queriam bem. As 5 horas da tarde José de Alencar era parte da redação do "Correio Mercantil".

DE PEDRO LUZ:

A DEUS, IRACEMA

Lá da montanha azul na florida campina  
Sempre ouvirás em sonhos os peregrinos cantos  
Que murmuram na terra a tua voz divina...  
Mas no hino de amor misturaria seus prantos  
A saudade — meu bardo — a nossa dor supremal  
Vertem lágrimas hoje as flores de Iracema.

DE J. SALDANHA MARINHO:

Os Lamartines não foram talhados para a política. Teem o seu mundo a parte. Na larga e brilhante esfera, a que foram destinados, assentam sua glória. A política, que não os aprecia e que jamais foi compreendida por eles, não lhes dará

posição mais real, mais elevada e nobre do que aquela por eles conquistada nos labores literários, por um grandioso talento e profundo estudo. Homens dessa ordem, homens como José de Alencar, não morrem. A matéria sucumbe, mas o espírito mantém a sua posição, não fenece. O poeta é imortal. Mas letas deixam seu nome esculpido em caracteres indeleveis, e as letras lhe perpetuam a glória. A pátria, orgulhosa, bendiria sempre o filho que tão luminosos traços deixou no caminho alianoso e sublime que trilhou na vida.

DE QUINTINO BOCAIUVA:

A escuridão que vai dilatar-se (quem sabe por quantos anos!) na literatura nacional servirá de atestar a imensa perda que acaba de afigurar-nos com a morte de José de Alencar. Tanto é verdade que os grandes homens, como os grandes montanhas, podem ser avaliados pela sombra que projetam. Como Andrés Belo — a cabeça culminante da raça latina nos dois mundos — José de Alencar deixou um vazio impossível de preencher nas lettras americanas. Homens dessa estatura servem, na orografia moral do mundo, para assinalar os maiores eixos do engenho humano.

DO VISCONDE DE TAUNAY:

Vinde, casta e gentil Cecília, melancólica Isabel, graciosa Guida! Vinde, neigea e doce Iracema, encravoada Diva, e vós, altaiva Schorai! Vinde todas — formosas filhas do gênio de Alencar — entretener uma capela de brancas saudades para aquele que vos deu vida ideal, cheia de luz e de imarcáveis encantos!

DO BARÃO DE PARANAPIACABA:

De teu laurel de glória  
A mais formosa gema  
Burila a pátria história  
Na lenda de Iracema.

Como Virgílio ao Dante,  
Cooper no céu te espera,  
Estrela cintilante  
Da constelada esfera.

Já Deus te deu descanso;  
Deu-te de eleito a palma;  
Tiveram já remanso  
Os estóis de tu'alma!

DE BITENCOURT SAMPAIO:

De pé por sobre a bronca penedra  
Estava o Génio da floresta; — o vento  
No ermo sibílava, enquanto atento  
Junto dele um cantor ali se via.

— Que procuras, mancebo, noite e dia  
Com tanto afan e ardor no pensamento?  
— O passado! o passado!... suarento  
Leva aos lábios a inúbia que trazia.

— Vem, pois, lhe disse o Génio em tom ardido  
Serei teu guia e mestre: tem ao certo  
A vitória quem luta convencido...

Partiram; das florestas ei-los perto...  
Brada o cantor parando comovido:  
— Joelho em terra! Estamos no deserto!

DE GUSMÃO LOBO:

Daquele se pode dizer que não honrou menor a razão do que o seu nobre instrumento: a pátria.

Um só de seis livros, o "Sistema Representativo", talvez o que menos haja contribuído para a sua grande vogar de escritor, mas com certeza o que maior cabedal de cogitação lhe deve ter custado, bastaria perpetuar a memória da prodigiosa individualidade, que o futuro admirará em cinquenta diversíssimos volumes.

Despedida a luz, pode o astro apagar-se. Nem por isso ele percorrerá o espaço com menor brilho.

DE FERREIRA DE ARAUJO:

Deve considerar-se feliz aquele que conseguir percorrer uma só das esferas da atividade intelectual com brilho aproximado ao que revelou José de Alencar percorrendo-as todas.

DE ANDRÉ REBOUÇAS:

Foi por certo o sublime Espírito de Alencar quem inspirou a Otaviano fundar sobre seu túmulo a Associação dos literatos brasileiros. Destes, alguns tecem, talvez, como Alencar, gênio inventivo, grandioso e ousada inspiração, e talento variadíssimo, nem um, sem dúvida, possue sua prodigiosa devotação ao trabalho. Possa o auspicioso labaro — José de Alencar — ser estímulo eterno e dizer incessantemente:

Brasileiros! Estudai, dia e noite, a maravilhosa natureza americana; ao esplendor do sol, à melançólica luz da lua, e ao simpático cintilar das estrelas do Cruzeiro do Sul! Trabalhai sem descanso na obra monumental da criação e engrandecimento da literatura nacional!

DE JOSE DO PATROCINIO:

Foi uma contradição: tinha as valentias de um gênio e as fraquezas de um ântimo apreensivo.

DE TITO FRANCO:

José de Alencar... "coelestis in dicendo vir".

DE EMILIO ZALUAR:

Oh, Filhos de Tupan! Brilhantes Senhos d'Ourô! Vós sois do gênio seu o ideal jesuítico! Do sol americano o ralo mas fecundo Traçou à sua glória a órbita do mundo!

DE FREDERICO REGO:

Os livros de José de Alencar são como as flores tropicais que expandem-se à medida que o sol vai subindo no horizonte. Como o espírito daquele eminente escritor, não tiveram poente, eles também não conhecem o crepúsculo.

DE FRANÇA JUNIOR:

Há nomes que marcam épocas impercetíveis na vida dos povos. Batizados pelas áureas celestes, tornam-se os apóstolos de uma geração inteira e perduram indeleveis no bronze da história. José de Alencar era um desses nomes. Os seus escritos que ali ficaram, frutos de um cérebro lúmido e infatigável, são hinos em louvor da pátria. Quem melhor do que ele pintou os esplendores desse cenário grandioso, onde o Supremo Arquiteto dos mundos espargiu com mão profusa os mais brilhantes tesouros de sua onipotência? Quem com mais critério e energia defendeu as nossas instituições? A literatura para José de Alencar foi um sacerdócio. Nas lutas da política, nos fastos do jornalismo, nos conselhos da corte, no romance, no teatro, em todas as manifestações, enfim, do seu rincão rutilante, via-se o literato. E é esta a sua glória! A biografia de José de Alencar resume-se em duas palavras: "gênio e trabalho".

DE AFONSO CELSO JUNIOR:

A pátria, n'angustia extrema,  
Chorou ao vé-lo partir,  
Como a ovidiana Iracema  
Sentindo o amado fugir!  
E agora... dele a memória  
Nos fundos mares da história  
Destila calma, ideal...  
Como o batez dos gentios  
Nos verdes mares bravos  
Da sua terra natal!...

DE CARLOS DE LAET:

Se viver é pensar — de heróis longevos  
este o primeiro foi... E a longa ideia  
jundiu qual brônze, que assoberba os evos,  
no jornal, na tribuna, na epopeia.  
Se viver é sentir — — — — —  
lhe escutaram no drama as más lições,  
quando no sopro do gênio, em riso ou prantos  
estavam tremendo as multidões.  
Viven! Que luz, oh pátria, tão brilhante!...  
E por que é noite vais carpi-lo agora?  
Ninguém lamenta o sol que desce ovante:  
Fora descer d'aurora!

DE LINO D'ASSUNÇÃO:

Como todos os grandes escritores destinados a passar à posteridade, José de Alencar inspirou-se na verdadeira fonte da legitimidade inspiração — nas tradições populares. Observando e analisando com elevado critério o seu meio, evocando do seio das florestas as poéticas lendas dos indígenas, dando à velha crônica a forma amena do romance, produziu essas obras que há de durar tanto quanto a língua em que as escreveu. Por isso, a sua pena investigadora e inspirada, corrente e espontânea, e, sobre todo, essencialmente brasileira, há de ser adorada nos altares da pátria, como símbolo do ensino superior, do guia fiel para presentes e posteriores.

DE MACHADO DE ASSIS:

Naquele eterno azul, onde Coemba,  
Onde Lindoia, sem temor dos arcos,  
Erguem os olhos plácidos e ufanos.  
Também se ergue a limpida Iracema.

Elas foram, nas asas do poema,  
Cantadas pela voz de americanos,  
Mostrar às gentes de outros oceanos  
Joias do nosso rútilo diadema.

E, quando a magua voz inda afinava,  
Foges-nos, como se a chamar sentirias  
A voz da glória pura que esperavas.

O cantor do Uruguai e o dos Timbiras  
Esperavam por ti, tu lhe faltavas  
Para o concerto das eternas brasas.

# As reliquias de José de Alencar



Nestes dois "clichés", estão as últimas reliquias do criador de Ceci e de Iracema: um deles nos apresenta a máscara mortuária do romancista; o outro nos mostra o túmulo em que ele dorme o seu eterno sono, na necrópole de S. João Batista.



# José de Alencar, teatrólogo — "MÃE"

(Cena final da sua tese)

## CENA XIII

DR. LIMA, GOMES e JORGE  
JORGE  
Viu-a, doutor?... Não a encontrei!...  
Procurei tudo!

DR. LIMA  
Sossegue, Jorge! Deve ter salido... Ela  
nada sabe ainda! Seja prudente... Não  
lhe anuncie de repente!... O choque po-  
de ser terrível!...  
JORGE

Não me sei conter!... Quero abraça-  
la!... Minha mãe!... Que prazer su-  
premo que eu sinto em pronunciar este  
nome!... Parte-me que aprendi-o há  
pouco!...

GOMES  
Sr. Jorge, eu o estimo... porém...

Ahi! desculpe... Esqueci-me que es-  
tava aqui... O que acabo de saber...

GOMES  
Penalisa-me bastante, creia,

JORGE  
Como, sr. Gomes?

GOMES  
Bem muito, porém... O senhor com-  
preende a minha posição... As consi-  
dações sociais...

## JORGE

Acabe, senhor!...  
GOMES  
Esse casamento não é mais possível!

Ahi! DR. LIMA  
Por que razão, sr. Gomes?  
JORGE

Porque não reneguei minha mãe.

GOMES  
Sr. Jorge, eu o estimo... porém...

Tem razão, sr. Gomes!... O senhor  
me julga indigno de pertencer à sua fa-  
mília porque eu sou filho daquela que se  
vendeu para salvar essa mesma honra  
em nome da qual me repele!

GOMES  
Mas não é... não!... Eu juro...

DR. LIMA  
Joana!... Deus nos ouve!

JOANA  
Por Deus mesmo!... Ele sabe porque  
digo isto!... Por Deus mesmo!... juro...  
que... Ahi!...

## JORGE

Morta!...  
ELISA  
Minha boa Joana!...

JOANA  
Escute, láia, Elisa... É a última colsa  
que lhe peço... Láia há de fazer meu  
nhambo muito feliz!... Me promete...  
Queria a elas tanto bem, como Joana queria...  
Mas, nem láia nem ninguém pode... não!

JORGE  
Minha mãe!... Porque foges de seu  
filho, apenas ele te reconhece?

JOANA  
Adrei, meu nhambo... Lembre-se às  
vezes de Joana... Sim?... Ela vai re-  
zar no céu por seu nhambo... Mas an-  
tes eu queria pedir...

JORGE  
Que, mãe? Pede-met...

JOANA  
Nhambo não se zanga?

JORGE  
Eu sou seu filho!... Dize!... Uma vez  
ao menos... este nome.

JOANA  
Ahi!... Não!... Não posso!

## JORGE

Fala! Fala!

## JOANA

E' um atrevimento!... Mas eu queria  
antes de morrer... beijar sua... sua tes-  
ta, meu nhambo!...

## JORGE

Ahi!... Joana morre feliz.

## JORGE

Abandonando seu filho

## JOANA

Nhambo!... Ele se enganou!... Eu  
não sou tua mãe, não... meu filhão  
(Morre).

## JORGE, de joelhos

Minha mãe!...

## ELISA

E minha, Jorge!...

## GOMES

Ela abençoe tão santa união!...

## DR. LIMA

DR. Lima

E me perdoe o mal que lhe fiz!

# JOSE DE ALENCAR, POETA

(Continuação da página 7)

a. no Pará Árvore de leite, da família das saman-  
áceas. O leite tem todos as qualidades do leite  
animal.

As vestes encontravam: **JI TETUDAS**

Na casa da marina

A árvore das canibais, embrião, da qual se tiram  
panos de 5 a 6 pés de largo. Vide Gabriel Soares,  
Rotero do Brasil. Mariana, segundo Humboldt, 1º  
vol., pag. 102.

Uma pantera só dava à família

Arma, roupa, alimento, fogo e vinho, etc.

"É curioso ver no mais baixo grau da civiliza-  
ção, a existência de toda uma província depender  
de uma só espécie de palmeira; à semelhança desse  
inseto que se nutrem exclusivamente de uma flor,  
ou de uma mesma parte de um vegetal."

Humboldt, V. au N. C. vol. pag. 385.

A palmeira é a que se refere. Ela é o mu-  
richi, que os indígenas bravam vinho, farinha,  
fios para a rede, e folhas para cobrir as cabanas,  
pelos que a chiamavam — árvore da vida.

V. 300 A praia que em Tamandaré surgiu

Do vorágem das aguas...

Tamandaré é o Nôô dos Tupis. Segundo a tra-  
dição salvou-se no alto de uma palmeira. S. de  
Vasconcelos pag. 48.

V. 420 **T'AMANA-RI** — o que veio depois da chuva  
As turbas dos Ororunas, gente barbara.

Os Ororunas — Tribu da grande nação Yurakaré,  
pertencente ao ramo Ariztiano da tribo Andes-Per-  
uviana. Essa tribo habitava os Andes Orientais,  
nas cabeceiras dos rios Para e Ucayali afluentes do  
Solimões ou Amazonas.

Os Yurakarés eram de grande estatura; medianas  
1 metro e 30 centim., 5 pés e 5 polegadas.

Yurakaré vem do yurak — branco, e kari, ho-  
mem, na língua chichera. V. Orbyny — L'homme  
Corren a flecha, náscia do combate

Gumilha, na sua Ororuna, trata da irmandade  
das nações indígenas para a defesa comum. Os men-  
sageiros, diz ele, dão aviso da guerra em silêncio,  
deixando uma flecha cravada em lugar público.  
Estas flechas servem-se correr a flecha.

16-19, pag. 124.

V. 422 **TROCANO MANDOU AS LONGAS TABAS**

A voz to chefe.

Trocano, diz Ferreira, era o instrumento da  
guerra de quase todos os gentios do Pará, como o  
havia na antigamente chamada de Troca-  
no, hoje vila de Borba. Serve às gentes de caixa  
de guerra para as suas chamadas e também para

os avisos que de parte a parte fazem uns e outras  
aldeias quando há novidade que participar aos alde-  
ões que vivem mais distantes. Da sorte que a pri-  
meira aldeia que ouve o som de Troca-no o parti-  
cipa à outra, assim imediatamente, fazendo o mesmo e assim em breve tempo se avivam ainda as que  
estão mais remotas. Gonçalves Dias — Dicionário  
Tupi.

V. 424 **O prudente Iruama, o grande chefe**  
Iruama, derivado de I-rub-rama — Ele há de ser  
pai, na língua tupi.

Soldado que guerra significa: mirahí sobrabo

Mirahí — significado em Guaraní o discurso —

— Mira — multíssimo, de imensa — floresta.

36 — é o verbo dizer. (Discurso da multíssimo).

V. 425 **E o prudente Iruama**, o grande homem

Tupi — o Adão dos Tupis

Tu-ypi — primeiro gerado do vento, ou do trovão.

Pretérito — provavelmente brasileiro, cuja origem é escarlate.

Aos manchês — trazem nome de escarlate.

Nome de guerra — Cortuma-se entre os Tupi-

nambás, que todo aquele que usava contrário, torna

logro, nome entre si, mas não o dirão sem o seu

tempo, que manda fumar grandes vinhos". Gabriel

Soares, Cap. 170.

# HENRIQUE HEINE

Mário Loia

No dia 1 de janeiro de 1800, há cento e quarenta e um anos, nasceu Henrique Heine.

Por isso, o grande poeta, que amava sorrir das coisas, costumava dizer que "era o primeiro homem do século".

Pondo de parte qualquer blague, ele foi, realmente, pela maravilha da sua poesia cheia de melancolia e de luz, um dos mais extraordinários homens do seu século.

Max o delicioso mágico dos "lieds" germânicos teve um destino cheio de desventuras. Sua arte, como escritor, foi dedicadíssima e prodigiosa. Tendo nascido na Alemanha, soube levar a tal depuramento o espírito francês que, restando-lhe, temos a impressão de que nos achamos diante de um dos mais verdadeiros e rústicos filhos da França, diante de seu irmão autêntico de Voltaire, de Molière ou de Rovarol. Reman, que o amava com ternura, queria que todos se descobrissem diante do admirável estilista da "Reisebilder".

No introdução que escreveu para esse livro, Teófilo Gautier conta episódios interessantes da vida de Heine.

Os dois poetas se conheceram pouco depois de 1830. Era a época do mais desenfreado romantismo. Longamente separados, na Europa, a voz ardente de Vitor Hugo, anunciando, no prefácio do "Cromwell", as idéias de uma literatura revolucionária, que rasava a derrubar os ídolos do classicismo já cansado. Estavam em moda todas as melancolias e todos os "ennuis", que encontravam a sua expressão mais completa em René, criado pelo gênio de Chateaubriand. Era o José dos lances argênteos, dos amores puros a margem dos lagos azuis, dos poetas de longas melancolias, sonhando juliões impudentes, dozes vidas sortidas em círculos inacessíveis... O verdadeiro poeta deveria, a esse tempo, ser curvo, ter, na tez, a palidez das magnólias — a palidez dos marmores fúnebres, que a tristeza dos raios do luar houvesse tocado de uma lata de outra vida.

Heine era o contrário de tudo isto. Era um belo e guapo moço, desempenado, forte, alegre. Suas faces rubicundas não tinham um sô de pele: seus cabelos, crespos, muito louros e rebeldes, não procuravam adquirir o jeito das cabeleiras em moda. Teófilo Gautier o define como "um Apolo germânico".

Era aquela uma fase singular da alma do poeta. Heine mesmo conta que, àquele tempo, era ele o seu próprio Deus. Adorava-se a si mesmo. Nenhuma injúria o ofendia, então: nenhuma maldade o feria. Esse cavaleiro andante da poesia tinha, aos trinta anos, um desprezo absoluto por quem quer que o procurasse ferir. A seta suas avia que lhe longasssem não o atingiria. Confessava que, para todos os perjuros, tinha o olhar tranquilo de uma divindade, certo de que, por maior que fosse a blasfêmia recebida, maior ainda seria o bálsamo do seu perdão.

Gautier e Heine ficaram amigos desde esse tempo. E



...côpo e paralítico, perío de morrer

Heine era um estranho espetáculo.

Sua conversa, cheia de fulgor, cheia de graça e de perspicácia, era uma maravilha. Mas, também, em certas horas, como ela era indizivelmente melancólica!

Esse poeta errou a poesia mais singular: a poesia da melancolia que sorri de si mesma. Em seus pequenos versos do "Intermezzo", em suas encantadoras poesias do "Mar do Norte", em sua "Atta Troll", achamos o mesmo espírito, esse espírito ao mesmo tempo combativo e adorável: a ternura que tem o pudor de ser ternura e sorri da sua efusão, como os pálidos, a ironia beijada por um raio do sol da tristeza náis pura...

Pois igual a essa poesia era a conversa de Heine. E, ao lado disso, que tremendas execuções que ele fazia! Esse princípio de ritmo não perdoava a malédica e a verdade dos espíritos vulgares. Em uma de suas crónicas, recolhidas em "Lütécia", encontramos uma execução implacável de Hugo. Se assim sofria, em suas mãos de deus bárbaro, o grande lírico, que havíamos de achar dos poetas menores, que ele se divertia em espalher em sua prensa de sarcasmo e de flamas retentoras?

Depois Heine separou-se de Gautier. Anos passaram, sem que os dois poetas se encontrassem mais.

Um dia, à porta de Gautier bateu alguém. O criado, que recebeu o recado do visitante, comunicou a Gautier que, lá em baixo, estava um estrangeiro. Seus olhos não podiam mais ver a luz. As pálpebras, enfraquecidas pela enfermidade, que desejava vê-lo. Gautier mandou entrar o estrangeiro. Apareceu-lhe, então, um homem desconhecido. Era um sujeito curvo e magrissimo, dorente, brancas as barbas, uma espécie de devastação humana e ambulante. Chamou o poeta pelo nome familiar: Theo!

Gautier não podia descobrir quem fosse aquele homem. Dada, porém, a intuição com que o tratava, não evitou travar conversa com ele. Ao cabo de dois minutos, um lampejo prodigioso de ironia e de graça nôa daqueles lábios marchou. Gautier o identificou pela palavra flâmula:

— "Se não é o diabo, é Heine".

Era Heine, mesmo.

Mas como a vida tinha oferecido uma transformação absurda, absurdamente magnífico nôance de outrossa!

Heine estava, então, no ca-

## Heine em português: "O Intermezzo"

Em 1894, estando a "Semana" sob a direção do sr. Max Fleiss, iniciava-se, em suas colunas, a publicação do "Intermezzo", de Heine, feita por vários poetas dos mais ilustres do Brasil. A iniciativa, que era devida a Jólio Ribeiro e Max Fleiss, obteve o maior êxito. Foram as traduções, publicadas, logo depois, em volume, que cedo se esgotou. Em 1902 saiu segunda edição que também esgotou logo.

Aqui vai, pois, em nosso número de hoje, o prólogo do "Intermezzo", na tradução de "A Semana".

### PRÓLOGO - Machado de Assis

Um cavaleiro havia, taciturno, Que o rosto magro e macilento tinha. Vagava como quem de algum noturno Sonho levado, trépido caminha. Tão alheio, tão frio, tão sozinho, Que a moça em flor e a lèpida florinha, Quando passar tropeçamente o viam, As escondidas dele escarnejam.

A miudo buscava a mais sombria Parte da casa, por fugir à gente; Daquele posto os braços estendia Tomado de desejo impaciente. Uma palavra só não proferia. Mas, pela meia noite, de repente, Estranho canto e música escutava, E logo alguém que à porta lhe tocava.

Furtivamente então entrava a amada, O vestido de espumas arrastando, Tão vivamente fresca e tão corada Como a rosa que vem desabrochando; Brilha o veu; pela esbelta e delicada Figura as tranças soltas vão brincando; Os meigos olhos dela e os dele fitam, E um ao outro de ardor se precipitam.

Com a força que o amor somente gera, O peito a cinge, agora afoguado; O descorado as cores recupera, E o retraído acaba namorado, O sonhador desfaz-se da quimera... Ela o exita, com gesto calculado; Na cabeça lhe lança levemente O adamantino véu alvo e lucente,

Ei-lo se vê em sala cristalina De aquático palácio. Com espanto Olha, e de olhar a fábrica divina Quase os olhos lhe cegam. Entretanto, Junto ao úmido seio a bela ondina O aperta tanto, tanto, tanto, tanto... Vão as bodas seguir-se. As notas belas Veem tirando das cítaras donzelas.

As notas veem tirando, e deleitosas Cantam 'e cada uma a dança tece Erguendo ao ar as plantas graciosas. Ele, que todo e todo se embrevece, Deixa-se ir nessas horas amorosas... Mas o clarão de súbito fenece, E o noivo torna à pálida tristura Da antiga, solitária alcova escura.

## Efemérides da Academia

### 1 DE JANEIRO

1893 — Nascimento, em São Paulo, de Paula Setubal. Ocupou na Academia a cadeira n.º 31. Homem de Melo, sucessor de Joaquim Veríssimo. Luis e que foi criada por Luiz Guimarães Junior.

### 5 DE JANEIRO

1855 — Nascimento na Chácada Baia, de Urbano Duarte, criador da cadeira n.º 12, de que é patrono Francisco Junior.

### 3 DE JANEIRO

1829 — Nascimento na Vila de Barra de São João, município de Macaé, província do Rio de Janeiro, de Casimiro José Marques de Abreu. O poeta das "Primaveras", que faleceu aos 21 anos de idade, é patrono da cadeira n.º 6, criada por Teixeira de Melo.

### 6 DE JANEIRO

1840 — Nascimento, em Lisboa, de Antônio dos Reis Gonçalves Viana, sócio correspondente, eleito em 20 de agosto de 1810.

### 7 DE JANEIRO

1854 — Nascimento, no Rio de Janeiro, de Manuel Ferreira da Cunha, fundador da cadeira n.º 24, que tem como patrono Júlio Ribeiro.

## Pensando em Dante - D. Milano

*Da tua grande existência soturna, que motivo tirarei para a minha pequena meditação? Talvez estes versos ardendo de vida misteriosa na página que abri ao acaso:*

*"Maledetta tua culla  
che fusingo colanti sonni invano..."*

*De tua obra que primeiro se parou, pela língua e pelo espírito, o mundo antigo do mundo moderno a que deu nascimento, que trocou escolherá para deitar o exemplo que me venha servir de lema da pensamento? São tantos.*

*"Omo da sé verbi fatto ha lano  
lano,  
omo no, mala bestia ch'om sa  
(miglia),"*

*"L'evigio, che ny'e dato, onor  
mi legno."*

*Em que idioma falada hoje no mundo encontrarei mais quando som um tempo aspero e seco, o eco inaudível da tua voz de "terra e urminha" que lembra as vestimentas dos cavaleiros e damas das tuas épocas místicas e brutais?*

*Falares das tuas "Cantos" só compreenderam os relamejor das palavras do Apocalipse ou as versões de subito e obscurecidas tuas? Dos teus ananemas, dos teus castigos, dos supícios que angustiaste, dos delírios reconcentrados que te enrugam na hora em que repremeis os poetas de ti:*

*"Ambo le man per lo dolor mi  
imori!"...*

*Os antes dos teus altos amores intelectuais que vieram dar uma nova e para forma a essa erranha e cruel paixão humana e honrar do mundo a mente dos poetas amurkados do futuro? De cada hora o enamorado Camões: "o mei alto pensamento". E tua voz: "Tutti li miei pensier parlar d'amore".*

*Vejos-me: nôvo poeta, estudioso dos Artes, da Melântica, da Política, de Sâmula, da Retórica, isto em 1380, em ruas de Florença, tendo por objeto máximo da vida: Beatriz. A aparição brinquianissa dessa menina de nove anos revelou a teus olhos: uma vida nova. Vita Nuova.*

*Agora me lembro que há duas em numa estante de livraria uma tradição, não sei se boa ou má, desse livro da moedade do poeta florentino.*

*Mal comecei a ler, adaptada à nossa língua usual e sem saber, aquela prosa e versos feitos em pedra, daquela fresca e doce cor que o tempo lhes dã, fiquei triste como se visse o poeta ressuscitado, porém não mais trajando aquela seu digno manto de escravas dobras, mas vestido a moda vulgar de nossa época, de calça e paletó.*

*Mestre, amado como um pai, perdemos tratarem indignamente e transcrever para o barbotinha superficial do nosso meio a tua figura cesta no tempo, como e pintou Giotto, respirando uma inaltrável felicidade espiritual, simbolizada na flor que entre teus dedos rotha e com seu inesquecível perfume suaviza a figura pensativa, curva sobre si mesma, daquela que na vida foi alegre...*

*Aquele cujo manto escuro sobre o corpo todo, abotoado do pescoço aos pés, a mão segurando um livro de encontro ao peito, sofrendo o latido jutos do coração leal de amante e cavaleiro, de poeta e justiciero, e que com esse nobre traje andou "ramingo e tristo" galgando os degraus "dell'altri scale".*

*Assim te vejo, entre duras penas,*

*duras, cercado de castelos e escadarias. Longe do asfalto...*

*Refitamos um pouco. Aquilo que foi a vida inteira de amor, dedicação, sacrifício sem pagar, anos de procura e estudo, dias perdidos, noites indormidas,*

*"Tristitia e voglia  
di suspirar e di morir di piano..."*

*renuncia a prazeres e conquistas, conformação à pobreza e à solidão, na luta obscura da mente contra a palavra sorda ateitar-lhe um puro som: "Color d'amore...". O verso inspirado pela contemplação da mulher que passa:*

*"Come una donna  
che fosse fata d'una bella p...  
[sic]"*

*o nascimento de um poema, a sogna de uma rua noturna, tudo respirando o ar, a linguagem, a cidade em que se vive, e se ama:*

*"Vidi cose dubitose molto,  
nel vano imaginare o lo entrail-  
ed esser mi pareva non io in qual  
modo...  
E veder donne andar per via  
[sic] fiduciose, qual lagrimando, e qual traendo*

*[sic] che di tristitia saettavan foco.  
Pol mi pare veder a poco a*

*E poco  
guardar lo sole e apparir la stella,  
e piangerelli ed ella;  
ader li angelli volando per  
l'are,  
e la terra tremore;  
ed omo appare scolorito e gioco  
dicendomi: — Che fai? non sai  
Innovella  
morta è la donna tua, ch'era*

*l'ebbe —"*

*Tudo isso ser assim de repente  
vertido para outro idioma, todo  
esse trabalho perdido e desvirtuado  
em sua melhor parte.*

*Ver-se o poema que levou tanto  
tempo de vida a germinar no  
espírito e a encontrar a sua*

*forma de sonho materializado,  
sofrendo de ser assim transpor-  
ta para uma língua alheia e in-  
diferente, para climas estranhos,*

*cêus diversos, onde irá  
perder para sempre o som in-  
trazinzel, o cor indefinivel.*

*Criar um verso imutável, e  
de horas meditando numas pou-  
cas palavras que resumem o  
mundo a poesia, e vê-lo de-  
pois quebrado em suas partes*

*mais belas e os pedacos reuni-  
dos em outras palavras res-  
tadas, — violada em seu tâmulo  
marmóreo a sua linguagem dos  
poetas mortos.*

*E' necessário traduzi-los, as-  
sim o exige o valor universal do  
pensamento que não admite  
fronteiras. Mas é que poetas*

*não as almas, das nações. Quem  
já passou os olhos por uma tra-  
dução francesa das Lusitadas po-*

*de imaginar a dor de um por-  
tuguês ao ver o verso que pri-  
meiro lhe cantou no ouvido ao  
abrir os olhos para a vida,*

*transposto numa prosa insulsa  
e fria: "Je chanterai les combats  
et ces hommes courageux... As armas e os bárbaros assinal-  
dos... qui, de la rive occiden-  
te de la Lusitanie..."*

*Que da ocidental pena lucta-  
na..."*

*Este verso começa a crescer*

*de modo crespo e inverso: "Que*

*da ocidental", forma uma crista*

*de onda alta; "prua..." de-  
pós dech e escorre: "... lusi-  
tan...", como a espuma dese-  
nhando a sua forma sinuosa na*

*página de areia.*

*Comparai com a misera tra-  
dução.*

*Cada poeta deveria viver na  
sua ilha e aqueles que quisessem  
aproximar-se do deus deviam  
primeiro aprender a língua do*

*país.*

**Dalcidio Jurandir**

*Não queria insinuar an, a meu des-  
lejo de meu romance "Chove nos  
campos de Cuchoeira", em face da  
água e desinteressada crítica do  
sr. Alvaro Lins. Seria ridículo, insi-  
nuc e erudi. Só que no nessa  
espécie de defesa uma certeza  
que o autor impõe a si mesmo sem  
canguru alguma. A defesa não  
esta nos interesses ou no amor que  
o autor tem seu livro dedicado. Um  
critico que se defende ou explica a  
sua obra é, rima sempre, no fim de  
uma defesa ou de um explicativo, sob  
a ferlent conciencia de sua definida  
fragilidade, de sua ignorância  
de sua hasilocia no que tentou ou  
pretendeu fazer.*

*Não me considero maguado com  
as afirmativas tão solidas da en-  
saio de "Historia literaria da Era  
de Queiroz". O critico dessa enten-  
trei uma boa vontade congo-  
mo que me surpreende. Nem me jul-  
garia ofendido se o seu romance  
fosse de negado "folclorístico".  
Defendo guardar em todos os de-  
bates da nossa desgraçada e pi-  
lorosa vida literária, em todas as  
controvérsias em que tudo se pode  
negar ou aceitar, uma sincera e  
infatigável dignidade... intelectual.  
Em questões puramente literárias  
não deve haver malérias nem  
odios, esse afirmação e valoração  
que dissemos. Eu sou de negado  
"folclorístico". A "obra" é mais  
série da que se pensa e vive anima-  
do de nossas quotidianas "vidas" e das  
nosas infelizes presenças. Hoje  
mesmo na situação do mundo atual  
qualquer ato dessa natureza seria  
justificada de respeito aos acontecimen-  
tos que tanto agradaram a vida hu-  
mana.*

*A vida literária no Brasil pode-  
ce muito dessas complicações que  
tanto a desmoronaram. E sinto o de-  
ver — e isso é uma responsabilidade  
a que todos os escritores devem  
chamar a si com orgulho — o de  
dever de submeter "Chove nos cam-  
pos de Cuchoeira" uma prova  
máxima de resistência, não pelo  
que o furo encerra ou promete. Para  
que possa ser ingênuo o de-  
pedante no consumo literário. Na enten-  
dação que tanto agradece a vida hu-  
mana do país. Men maior deserto consis-  
te em deixar que os criticos falem  
a vontade de meu romance. Para  
que não incensem com dedicatórias  
ou emblemas de qualquer es-  
pécie. Isso poderá ser ingênuo ou  
pedante, no consumo literário. Na  
que é de direito. Na enten-  
dação que tanto agradece a vida hu-  
mana do país.*

*Acho que a critica n.º Brasil na-  
voga fomando uma posição mais  
seria e mais consciente das suas pos-  
sibilidades. Aprende a ser honesta  
e não não apende a ser mais*

*agil, mais exigente com os recursos*

*que a cultura e a experiência lhe  
transmitem. Sei ainda que as suas  
naturais tendências — ou sejam por*

*uma reação aos momentos mo-  
dernistas ou por fenômenos que  
não posso aqui declarar — voltam-  
se, em certo sentido a reclamar ou*

*angerir uma arte tranquila, menor*

*personal, menos aventureira, próxi-  
ma ao amadurecimento, da cri-  
tificação literária. Com menor for-  
ça, talvez, mais bem adaptada*

*que a estética ou deparadura estí-  
tica, se digo bem. Afinal a critica*

*brasileira surge num empenho de  
algum modo intelectual e prudente.*

*Virtude, noua e necessaria em  
nossa critica — a prudencia. Um*

*critico prudente ou prevenido —*

*prevendo no melhor sentido, já se  
sé — é sempre respeitável e nos  
não merece sugestões e direções sur-  
preendentes.*

*Positivamente estou gostando da  
maneira como fui recebido a meu*

*livro. Um começo muito fácil na  
vida literária pode ser uma desgra-  
ça. Um gênio consciente de um mi-  
nímo de qualidades de seu livro e*

*de um máximo de defeitos e in-  
suficiências rejeita sempre os fa-  
cilielogos e reconhece que o car-  
to de publicidade não significa*

*nada para o legitimo valor de uma  
obra literária. E quando se trata*

*de um romance premiado através  
das contingências de um concurso*

*do qual trouxe as melhores razões  
de sua evidência, o romancista en-  
frenta não se deixar levar jamais*

*pela risposta unanimidade dos lon-  
gues antes de se retemperar pelo*

*tristeza das censuras, mesmo*

*no silêncio e das negociações*

*sistemáticas.*

*O sr. Alvaro Lins ao falar da car-  
reira que escrevi para "Dom Casmur-  
ro" e publicado no volume de*

*"Chove nos campos de Cuchoeira"*

*considerava-a um documento anti-*

*literário escrito numa*

*"langue morte"*

*que é a língua morta*

*que é a língua mort*

# Curso de Estudos da Amazônia

## Segunda aula

**Professor Angione Costa**

### Pre-história e arqueologia amazônica

Sou grato à deferência do ilustre professor Ple Borges, possibilitando-me o prazer de falar aos professores do Distrito Federal e do Brasil, na campanha educativa pelos problemas da Amazônia, sobre com o notável discurso do presidente Getúlio Vargas.

Não me é fácil a tarefa, poque a pre-história e a arqueologia amazônica ainda são das capitais a escrever. O pouco que se conhece sobre as duas disciplinas, ainda esparsas e diluídas por memórias e estudos de sábios eminentes do Brasil e do estrangeiro, geólogos, antropólogos e etnólogos, estudos bem sempre feitos de consultar porque as mais das vezes publicadas em competências de língua estrangeira e de difícil aquisição, quando não em publicações periódicas mais fechadas ainda.

A pre-história amazônica constitui, a meu ver, um capítulo de geologia, incluído, a rigor, naquele que os geólogos classificam de geologia histórica. Devemos lembrar que a geologia histórica compreende a era cenozóica e estuda os períodos terciário e quaternário subdivididos, por sua vez, o terciário, em píoceno, mioceno, oligoceno e recente; o quaternário, em holoceno e píoceno, segundo as classificações de Charles Lyell, em 1833; Beyrich, em 1854-1859, e Paul Gervais, em 1866. Esta classificação, feita só o círculo paleontológico, serve para definir o terciário como a idade dos grandes mamíferos, e o quaternário, como a idade do homem.

Para estudar a pre-história e a arqueologia amazônica devemos situar a região onde as duas culturas se defrontam. Precisamente a região amazônica compreende de três aspectos fisiogeográficos definidos: a terra-firme, defendida contra as maiores inundações; a varzea, que submerge em certa parte do ano; e igapó, zona permanentemente submersa e pantanosa. A terra-firme inclui-se na píoceno, era responsável pelo formação de quase todas as terras da Amazônia, terras jovens do quaternário, terras de aluvião. A varzea e o igapó, da sua vez, compreendem ainda outras terras mais jovens, produto de sedimentação recente, que o nativo chama tijucu, terras de aluvion, classificadas pela geologia como terras de formação holocena.

Nessas diversas formações geológicas há evidentes sítios de vida fossilizados nos depósitos do píoceno. Desses leitos foram encontrados no Pará, nas regiões do Baixo Amazonas, da Prainha e do Tapajós. De eras geológicas anteriores, quando a Bacia Amazônica formava um mar, conhecem-se, igualmente, vários achados fossis: no Rio Acre, por exemplo, entre o Rio Branco e o Xapuri, Chandless coletou restos fosilizadas de *meristina* (serpente do mar) e de peixes que, estudados por Aranha, foram classificados como de formação cretacea. Há igualmente uma fauna abundante representada pelos crustáceos, crustáceos, braquiopodes, lamelibrâquios, cefalópodes e peixes ganoides. Mais próximo de nós isto é, nas formações do terciário, escavaram-se riquíssimos fossis de mamíferos na região de Piratá, encontrando-se, ainda, outros fossis mais modestos, pela encosta de Bulhões até às terras por onde corre a Estrada de Ferro de Belém. Também há notícia da existência de grandes mamíferos do terciário em rios da Alta Amazônia.

Neste território humoso, riscado por abundantes curvas de água em todas as direções, os conhecimentos da pre-história até este momento se circunscrivem ao domínio da geologia e da paleontologia. Fósseis animais e vegetais são os tempos dessas culturas na planície. Da paleontologia primitivamente humana, não há, entretanto, notícia. Quando muito, poderíamos referir-nos a espinha expessa de um crânio de zambiqueiro encontrado pelo naturalista Ferreira Pena, na região de Salinás, documento levado e mal estudado que não pode derrogar a afirmação. O ambiente fisiológico da Amazônia está demonstrando que a terra era excessivamente jovem para possibilizar o aparecimento da espécie humana. O homem pre-histórico, contemporâneo do quaternário francês,

não existiu aqui. Quando o homem ap. recente na planície lá era um ser perfeitamente formado, conduzindo todos os elementos morfológicos do tipo humano atual, indivíduo emigrado, acusando os mesmos traços raciais das tribus que hoje invadem a Amazônia. Pode-se discutir a procedência ou os caminhos que abrem na planície os homens da Amazônia. Não se poderá, entretanto, pensar na evidência de qualquer encontro de fossis humanos que apresentassem os características das três ou quatro raças que os pre-historiadores descobriram nas cavernas de França. O homem da Amazônia, se pelas suas culturas pode assimilar-se a certas raças da pre-história, do ponto de vista antropológico, é um pure ser contemporâneo da história. E será com a arqueologia que iremos tentar um esboço rápido, para facilitar um conhecimento menos sobremarcado de incertezas relativas a alguns agrupamentos humanos remotos, que ali melhor material nos deixarão.

E assim da maior valia o pouco que podemos conhecer sobre a arqueologia amazônica. Arqueologia amazônica e cerâmica. E será também o sítio e fosses herdados da pre-história. Como as tribus contemporâneas da descoberta, seguidas pelas atuais, se achavam no domínio de velhas culturas, incluem-se, igualmente, os seus achados entre a nossa arqueologia. E necessitaremos de estudar e localizar, por exemplo, a cerâmica de Marajó, tão rica nos detalhes em sua morfologia; a cerâmica bizarra e caprichosa de Maracá; a cerâmica simples e trabalhada de Cunani, e essa outra, tão esquisita e variada, depositada quase a flor do solo, em Santarém. Toda essa arte oleira que ao lado dos líticos, ainda hoje também usados pelas tribus amazônicas, constitui o mais rico material arqueológico da planície, guarda o negrício relativo ao homem que a construiu, e este negrício é um problema aberto no território arqueológico brasileiro. Realmente, nenhum dos tipos de cerâmica reunidos nos quatro grupos citados era trabalhado na Amazônia no tempo da descoberta. Nem naquele século, nem nos que se lhes seguiram, foi encontrada na planície nenhuma tribo que estivesse na posse daquelas aperfeiçoadas dansas matérias. Toda a cerâmica confeccionada pelas tribus que dominaram a planície, modernamente, difere na qualidade, habilidade e perfeição, dos quatro modelos apontados. Os estudos realizados até o presente, sobre este material tem servido para assinalar, no tempo e no espaço, a profunda diferença que distingue as culturas oleiras atuais daquelas que constituem o nosso principal monumento de arqueologia. E essa diferenciação de culturas é um dos caminhos mais sedutores no território arqueológico brasileiro, porque ela nos fala, precisamente, nos homens que primeiro devem ter dominado na planície.

A arqueologia amazônica constitui o elemento principal da modesta arqueologia do Brasil. No dia em que ela for estudada com mais desejauis e a sentiremos, seguramente muitos conhecimentos relativos ao origem do indígena brasileiro serão modificados. O estudo da arqueologia pelo método tipológico poderá esclarecer rumos obscuros da nossa etnologia, encadeando ou dissociando culturas oleiras semelhantes existentes no continente, que, por um processo de emigração ou de aculturação, são atualmente apresentadas como formadoras desses grupos culturais. São assim poderemos vir a conhecer afinal a procedência ou origem desses numerosos povoados da África tão esparsas da Amazônia, e pelo mesmo processo estabelecer ou não o grau de parentesco ou consanguinidade desses grupos que primeiramente chegaram em face das tribus atuais.

### PEQUENA BIBLIOGRAFIA INDISPENSÁVEL

Geologia do Brasil — Avelino Inácio de Oliveira e Otton Henrique Lennard — Rio de Janeiro, 1940.

Geologia do Estado do Pará — Dr. Friedrich Kutter, traduzido de Frei Hugo Menze — Pará, 1928.

Introdução à Arqueologia Brasileira e Migratória e Cultura Indígena — Angione Costa — São Paulo, 1934 e 1938.

Arquivos do Museu Nacional — vols. I, IV e VI — Rio de Janeiro — 1876, 1885, 1886.



## JOSÉ -

Carlos Drummond  
de Andrade

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José?  
e agora, Raimundo?

e agora, você?  
você é sem nome,  
que zomba dos outros,  
você que faz versos,  
que ama, protesta?  
e agora, José?  
Está sem mulher,  
está sem carinho,  
está sem discurso,  
já não pode beber,  
já não pode fumar,  
guspir já não pode,  
a noite esfriou,  
e dia não veio,  
e bandeira não veio.

e riso não veio,  
não veio a utopia  
e tudo acalhou  
e tudo lugui,  
e tudo mudou,  
e agora, José?

E agora, José?  
sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum,  
sua biblioteca,  
sua lavra de ouro,  
seu termo de vidro,  
sua incerteza,  
seu ódio — e agora?  
Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar seco:  
quer ir para Minas,

Minas não há mais!  
José, e agora?

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tossisse,  
se valsa vienesse,  
se você dormisse...  
mas você não morre,  
você é duro, José!  
Sozinho no escuro  
qual bicho do mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fija a galope,  
entretanto forte,  
você segue, José!  
José, para onde?

# A vida é de cabeça baixa - Alvaro Moreyra

MUNICA SE SABE...

Contar a vida é uma espécie de masoquismo. Pelo menos, é um modo humilde de amar essa mulher, que nunca é a mesma, de amar essa mulher por quem, afinal, todos se matam. Eu penso na minha vida como se a acariciasse. A voz com que lhe falo é só sempre calada num beijo.

— Minha! Quando digo assim, sou eu que me auto entregue, sou eu que te pertenço, minha... minha... minha...

Tudo aparece sem seguimento. Vinte anos... Cinco anos... Quantos... Cinquenta... Depois... Antes... Uma porta larga na rua da Igreja em Porto Alegre vem na tarde morrendo em Florença, com aquele perfume Enigma, entre sinos, salgueiros, cornujas... Corpos saem de paisagens... Paisagens saem de asas... Beleza canta Vitalita numa aula de Direito Civil... Jesus Cristo e Talleyrand param diante de uma vitrina cheia de bonecos... As minhas primeiras caçadas compridas passavam pelo último ato da Boêmia... "Salve, Rainha, mãe de misericórdia..." Mac West toca Debussy... Amor, delícia e orgão... Levanto Paris nas minhas mãos pequenas, peço as músicas que ouvi em Paris... Renan volta numa rosa... "Trocá tudo que se teve por todo que se sonhou..." Santa Cecília... Hamlet... Venus Caligula... O fim da Casa de Bonapart... "O maior dos pródigos!" O começo da Bíblia: "No princípio Deus criou o céu e a terra..."

Não foi o padre Manuel Bernardes que descobriu? "Das tristes não se pode contar nada ordenadamente porque desordenadamente acontecem elas". Das tristes e das internas.

Também nunca se sabe se as coisas acontecem quando devem acontecer.

Viver é misturar...

## \* \* \* A LENDA DAS ROSAS \* \* \*

Deixei o "Fon-Fon" por causa da "Seleta". Foi depois do apreendimento dessa revista na mesma empresa, pelo aumento do meu trabalho sem resultado para mim, e pelo aumento do capital dos patrões com resultado para eles, que eu descobri a minha vocação de pobre. Daí em diante, tenho me consolado em ser uma ponte por onde o dinheiro passa, suspira e lá se vai. Não volta mais. Um trânsito, afinal de contas, divertido.

A falta de emprego, em 1916, me deu Remy de Gourmont, bôa todo. O que eu não ignoro, devo a Remy de Gourmont, e "A Lenda das Rosas", escrita durante as férias de graca ainda hoje vale por todos os "week-ends" que eu não posso fazer...

## DESENTENDIMENTO

Na sua seção d' "O País", — "Pall-Mall-Rio", que ele assina José Antônio José, Paulo Barreto publicou uma nota sobre "A Lenda das Rosas", exagerada pelo dem que me queria. Na mesma dia, "A Noite" trouxe esta carta de Maciel Junior, com o título "Em defesa do Rio Grande do Sul":

"Sr. diretor da "A Noite" — Não morrerá sem o meu protesto os seguintes tópicos, da crônica do "País", de hoje, intitulada "Pall-Mall-Rio", a propósito de um livro de versos do insiprido val-paucho Alvaro Moreyra:

"O expositivo é que esse artista tão pessoal, tão delicado, tão fino, tão sensível e tão profundo, tenha nascido numa terra de escândalo violento da paisagem, de parvenus opacos e de pernósticos amalandrado. Mas, como as exceções são a força das regras, Alvaro Moreyra deu ao Rio Grande do Sul o prazer de ter nascido lá..."

"José Antônio José" é "Jodo do Rio", Paulo Barreto, no dizer correto dos "encantadores". Temos, assim, a blasfêmia, injusta e injustifyável, contra a cara terra riograndense, na boca de bôa de um dos imortais da Academia.

Por que Talvez o próprio "Jodo do Rio" não o saiba, por quanto há bem poucos dias, naquela mesma originalíssima coluna, s. e. declarava, muito espontaneamente, ser "quase riograndense"?

Seria lá como far, o certo é que o ilustre escritor não tem o direito de assim imparcial contra a meu terrão natal, a menos que queira fazer prova de ignorância ou de má vontade sistemática.

O "pernóstico amalandrado" tem o seu berço alhures, e não lá, onde da simplicidade de costumes ainda restam vestígios pretos, que o tempo mau já de todo varreu noutras bandas; e Alvaro Moreyra, por ser um delicado artista do verso, não é, contudo, o único rebento que as mudas das pampas acarinharam, no nacer.

Pediria eu ao ilustre Benjamin do Silvego que, de outra feita, fosse para com o Rio Grande menos agressivo e mais fuscaciro.

Agradecendo, sr. diretor, o acolhimento que dará a estas linhas, subscavo-me, muito grato, etc. — F. Antunes Maciel Junior — 10 de agosto de 1916".

Da longa resposta de Paulo Barreto, copio:

"Eu não posso agradir o Estado do Rio Grande do Sul: 1º — Porque não o conheço, não o vistei e seria apenas um cretino se descompusesse um Estado inteiro, sem motivo; 2º — porque, sendo eu de uma família que está na história da formação histórica do Rio Grande, desde antes da independência, e sendo o seu único descendente direto na linha masculina, seria um passarinho se pelo Rio Grande não tivesse a simpatia moral e se cha-

masse os meus parentes de nomes desagradáveis; 3º — porque até hoje, entre os riograndenses visíveis, — daqueles de que não sou camarada, sou, pelo menos, admirador cheio de simpatia; 4º — porque, se me atacasse a estupidez para descompor o Rio Grande em bloco, eu, que disponho de várias primeiras colunas e escrevo de vez em quando coisas graves, não iria pedir a José Antônio José a final de um despretencioso diário mundano para insultar o Rio Grande no elogio de um poeta além do mais riograndense, e, como todo riograndense, "bairrista".... Eu fala-se do Brasil no momento atual. Repete o que tenho dito várias vezes. Basta notar aquele "escândalo violento da paisagem". Não me consta que o Rio Grande, o pampa, tenha violências de paisagem. Agora o jornalista e não o deputado Maciel saiba mais, que esse trecho, escrito à última hora e não revisado pelo Jóvem Antônio José, terminaria a sua última oração assim: "Alvaro Moreyra nasceu no Brasil, dando ao Rio Grande", etc. A opinião é a quanto no Brasil e a sua crise atual, sem a adiósidade, sem como Maciel diz muito bem, "a blasfêmia infustificável" contra esse Estado. Não respondo nunca a idéias que formem dos meus

escritos e não faço jamais corrigir a faltas da minha revisão, porque tenho, infelizmente, já 13 anos de jornalismo diário. Os que escrevem em jornais sabem o quanto é comum erros. Mas a Maciel Junior respondendo maguado. Não pelas susceptibilidades que a sua interpretação possa trazer — porque Maciel Junior, inteligente, ardente, polido, foi capaz de julgar subitamente laiaota quem continua, pelo menos, com inteligência para ser seu admirador sincero".

## PAULO BARRETO

Os seus últimos meses, tão barulhentos, tão à vista, perturbaram um pouco a lembrança que deveria deixar. Fala-se, quando se pensa em Jodo do Rio, no jornalista. O escritor tem a admiração de alguns escassos leitores. O homem está esquecido. Não o reveríam. Ficou sendo, na opinião maior, um demolidor terrível, — papo, — e um mestre gratuito de maus discípulos. Sobrou o artificial. O natural, a terra comem. Paulo Barreto natural, porque a poesia nele era um estado de nascença, está aqui nesta carta mandada a uma das raras criaturas que não o traíram, nessa pequena carta, irreverente, fantanista, trôica, escondendo a comodão imensa:

"Fazes, hoje, definitivamente vinte e cinco anos. Eu também definitivamente perdi a esperança de te ver com uma pérola que te enviei há dois anos, quando tínhas dezesse de idade, rústica recordação de tua camaradagem louca, que data, como ringuim ignorá, do ano 2025 antes de Cristo. Mas a pérola era um anel. Uma senhora sem anéis é uma criatura sem ligações mesmo com os astros. Resolvo, pois, mandar-te com estas flores, símbolos breves das feruras humanas, dois anéis que não podereis, por no prego, mas que tem um grande valor de deusa hermética. O primeiro é um crisópraso, que os russos chamam o pedra da sorte e que foi, segundo ocultistas, o palácio da eterna esperança. O segundo é uma pedra da lua, autora tua e de outros malucos como eu. Usarás um na mão esquerda, outro na direita. E quando o ponche da tua carne flambar na noite escura, erguendo as mãos, agitarás os dois fatores indestrutíveis de toda nós: a esperança renitente e a tua varavel. Que seja por toda vida, embriaguez da terra, Satanás da bondade. Com o coração, Paulo.

## A MINHA CELEBRIDADE EM PARIS...

Havia em Paris, na rua Bergère, um hotel que, não sei por que, hospedava principalmente pessoas do Brasil. Entre essas pessoas esteve lá, dona Otilia Silva. E, quando esteve, também estavam lá outras pessoas de Porto Alegre. De volta, encontrando minha mãe, dona Otilia perguntou:

— Então o Alvaro desmanchou o casamento com a Zaira?

Minha mãe respondeu:

— Não sei...

E dona Otilia:

— Pois em Paris não se fala nenhuma coisa!

## ONDE ESTAIS? ONDE ESTAIS?

Meus companheiros da turma de bacharéis da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro, em 1912: Abelardo Alarico dos Reis, Afonso Lopes de Almeida, Alexandre Ludolf, Alexandre Theotonio de Siqueira, Aloísio Neto, Alvaro Batista Oliveira, Alvaro da Silva Vieira, Antônio Antunes de Figueiredo, Antônio Barreto V. Nolas, Antônio Dantas Coelho, Antônio Gomes Junior, Antônio Vieira Braga Júnior, Apolo de Moraes, Antônio Ferreira Romaria, Aristides Freixo Lobo, Arnaldo Bettencourt Belford, Arnoldo Medeiros da Fonseca, Belarmino da Gama e Souza, Benjamin Reis, Bernardo Garças, Brasílio da Luz Júnior, Cândido Batista Antunes, Cândido Natividade da Silva, Carlos Augusto Moreira Guimarães, Carlos Scherzer, Castelar da Gama Cabral, Crisóstomo Chaves de Gusmão, Clovis Dunshee de Abrantes, Djalma Pimentel Chagas, Eduardo da Silva Ramos, Euríndio Neves, Euzebio Ferreira da Veiga, Everaldo V. de Miranda Carvalho, Fausto Moreira, Francisco Antônio Muniz, Francisco de Assis Vasconcelos, Francisco Baltazar da Silveira, Francisco Cristóvão Cardoso, Francisco Coelho Gomes, Francisco de Castro Soares, Francisco de Paula Santiago, Genésio Cavalcanti, Hugo de Carvalho, Hiram Marcondes Machado, Ino Paganini, Jodo Carvalho Santos, Jofre Lédo de Faria, João de Oliveira Franco, Joaquim Fonseca Vieira, Joaquim Santos Júnior, José de Araújo Coutinho, José de Araújo Lima, José de Assis Martins, José Ferreira Fachó, José Thédim de Siqueira, Luís Pinto da Silva Pereira, Mário de Deus Fernandes, Manoel Bica de Almeida, Mário do Rego Monteiro, Maria da Silva Araújo, Maria de Souza Magalhães, Moliano Crespo, Oléopario da Silva Bernardes, Olímpio Tito Ribeiro, Oscar Jurua, Ouricuri Couto, Omar Murgel Dutra, Oscar Orzes da Rocha, Perdigonho Pereira Guimarães, Raul da Costa Bastos, Romualdo Pinto, Rubim Braga, Saverio de Castro Pentagna, Senhorinho G. Pessoa, Serafim França, Teodônio Pena Vieira, Tomé Reis, Vitorino Matos Rudge, Virgílio Benevento, Virgílio Seabra de Melo, Alvaro Teixeira de Melo, Cleoniro Jequiriça, Francisco Melo.

Onde estais? Onde estais?

## MORTES

Tenho morrido muitas vezes. Na intimidade. Em público já me aconteceu isso, com um intervalo de dois anos e cinco meses, na capital portuguesa e no extremo norte brasileiro. Li os necrólogos. Fiquei triste. Continuando no mundo, em desapareceram os amigos que os escreveram. Nuno Simões, por exemplo, que na "Patria", de Lisboa, se descobriu "respeitosa e comovidamente" diante do meu cadáver, em 18 de agosto de 1923. Por exemplo, Raul de Azevedo que no "Liberdador", de Manaus, em 23 de janeiro de 1926, achou que de certo eu devia "ter tido um sorriso quando a morte" me "polpeou".

"Morre muito moço Alvaro Moreyra. E ele nos deixa uma profunda, uma grande, uma intensa saudade".

Depois, abracei aqui Nuno Simões, de viva voz... Com Raul de Azevedo ainda vivo, de quando em quando, na mesma ônibus, e ele não se ausenta...

Entretanto, agora, ando me sentindo um pouco fantasma. Há de ser do tempo.

# A Colaboração de Filobiblion

## Achado n.º 5

O coronel de engenheiros Antônio José da Silva Paulet serviu na capitania do Ceará durante o governo de Manuel Inácio de Sampaio e (na) (depois) primeiro barão de Lancada, de 1912 a 1919, como seu ajudante de ordens. Foi por determinação desse governador que levantou a carta topográfica da capitania, pravada na litografia do Arquivo Militar, em 1913, da qual passou um exemplar a Biblioteca Nacional, bem como copia feita à mão, mais perfeita e digna, agradeço, com a planta da ilha da Foraleza. A Paulet atribuiu-se a autoria da "Descrição Geográfica abreviada da Capitania do Ceará", que o conselheiro Triântio de Alencar Araripe divulgou na "Revista do Instituto Histórico", tomo LX, parte 1, pp. 16-101; fazendo-o, com o alto critério do investigador convencido que era o conselheiro, notou que a letra das palavras que davam a autoria ao coronel não era de caráter igual ao da letra do título e do corpo da memória, que a evidência mostrava ser maiúscula. A "Descrição Geográfica" é um dos documentos mais instrutivos que se podem consultar sobre a terra cearense nos começos do século passado, em relação à sua geografia, geologia, clima, população, ilhas, lanhos e indústria; as deusas que flajelam o território, lange a autor é conta do "mal entendido sistema em agricultura de derrubar todas as matas para semear novos terrenos, onde há plantações, o abuso de longar por terra as águas sob a borda colher as favas da mel que as abelhas nelas fabricam..."

O espetáculo lastimoso da retirada das populações do interior para a beira do mar, no rigor das secas, destruindo pelas estradas culturadas os corpos dos que não resistiram à fome e à fúria, descreve o autor com uma simplicidade que não deixa de ser comovente. Na espantosa seca de 1790 e 1791 (escreve ele), não se trocou um metro de solo por uma bolacha..."

Paulet é o nome com o qual o Ceará com a saída do governador Sampaio e Pina, em janeiro de 1913; em 1921 era comandante militar em São Borja, onde o encontrou a naturalista Auguste de Saint-Hilaire, que ali jernardos de 10 de fevereiro a 1 de março "Voyage à Rio Grande do Sul" (Bresil), pp. 342-352, Orleans, 1887. Saint-Hilaire fiz com ele bons amigos e os levou sem restrições. O coronel por si realmente bons amigos: mas Alencar Araripe teve razão em "mantar a pri eira suspeita respeito ao autor da "Descrição Geográfica", que she conjecturaram, e que depois veio a verificarse pert. ser o bacharel José Antônio Rodrigues de Carvalho, natural do Rio de Janeiro. Era Rodrigues de Carvalho fijo de Jóia da Gaiana, Pernambuco, desde 1800, quando em outubro de 1814 foi nomeado ouvidor da comarca do Ceará. O governador Sampaio e Pina recusou-se a dar o imprimatur a carta de nomeação, por não trazer a fit de juramento na chancelaria; de modo que, satisfeita a sua burocracia, somente a 8 de maio do outro ano pôde o ouvidor tomar posse do cargo.

A "Descrição Geográfica" teria sido escrita antes de 27 de junho de 1916, porque menciona uma comarca na capitania, quando é certo que depois daquela data foi criada a do Crato, e nomeada seu primeiro ouvidor José Reimundo Pinto, porém Barbas, empossado em 17 de dezembro do ano seguinte. O ouvidor Rodrigues de Carvalho, em 30 de março de 1817, foi preso como revolucionário e aderente às idéias dos republicanos de Pernambuco; uns mês depois era remetido para Lisboa, embalado na galera "São José Jequá", e a 1 de junho, e 40° de latitude, escrevia ao ministro Targino (barão de São Lourenço), longa carta, em que narrava as circunstâncias da sua prisão. Livre de culpa e pena, Rodrigues de Carvalho foi a seu depósito à Assembleia Constituinte de 1823 pela província do Ceará, senador por essa província em 1828, primeiro presidente de Santa Catarina, e acabou ministro do Supremo Tribunal de Justiça, até falecer no Rio de Janeiro, em 1 de janeiro de 1841, sendo sepultado nas catacumbas da Ordem do Carmo.

Excrença outros trabalhos, que sacra Sacramento Black, "Diccionário Bibliográfico Brasileiro", III, pp. 321; junta-se a q. "Descrição Geográfica", e fica sua ficha completa. Mas corrige-se a naturalidade de data do falecimento, "1816".